



# Lembranças da Leitura 2021

*Coordenadora editorial:* Catalina Pagés

*Assistente editorial:* Débora Nascimento

*Revisão:* Danilo Gonçalves

*Revisão de projeto:* Roberto Mesquita, Maria Eduarda Gomes e Sandra Bensadon

*Capa e Projeto gráfico:* Jakson Alves

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lembranças da leitura 2021 / organização Catalina Pagés, Débora Nascimento. -- São Paulo, SP : Instituto Braudel, 2022. -- (Lembranças da leitura ; 2)

Vários autores.

ISBN 978-85-62780-06-6

1. Cartas brasileiras - Coletâneas 2. Literatura brasileira - Coletâneas I. Pagés, Catalina. II. Nascimento, Débora. III. Série.

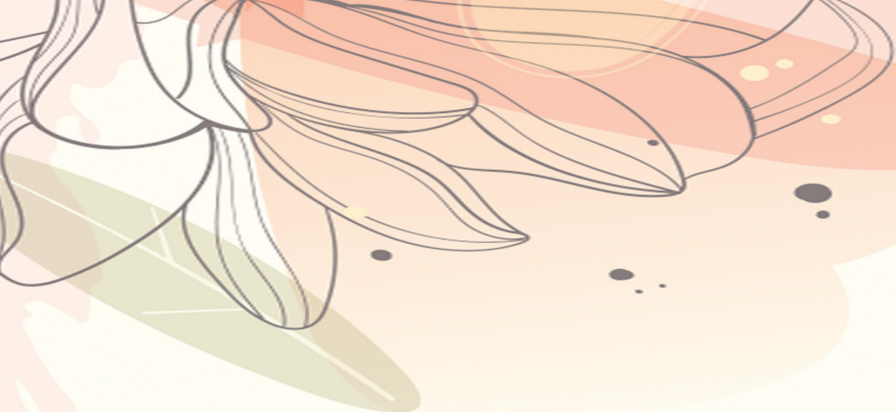
22-114018

CDD-B869

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



*“O prazer não se esgota no  
fazer, é no compartilhar que se  
opera a química que gera vida e  
anula as dificuldades.*

*Uma partícula de vida é gerada  
no compartilhar, aí está a  
divindade humana.*

*O entusiasmo é um poder  
divinamente humano, como se  
fossemos regidos por um Deus  
interior.*

*E sobre a alegria e a leveza de  
mudar a si próprio, mudamos o  
destino dos outros.”*

**Gilberto Dimenstein**



## **Índice**

### **A CORAGEM DE ESCREVER 09**

### **CONQUISTANDO A HERANÇA 11**

### **O MUNDO COM ARTE NOS DÁ SEGURANÇA 16**

Letícia Pereira de Assunção 18

Manoel Caique de Sousa Mota 19

Antônia Lídia Máximo Vieira 21

### **O LIVRO COMO TUTOR 24**

Hélienay Alves Salviano 26

Josiane Dourado Teixeira 29

Vitória Teixeira Braga 32

Maria Yasmine Martins de Sousa 34

Graziely Bandeira Lima 35

Sophia Moreira da Silva 36

Gabriele da Silva Aguiar 38



## **O LIVRO COMO REMÉDIO 40**

José Cauê Soares Sampaio 42

João Gabriel Ferreira de Almeida 45

Sara Barros Lopes Silva 46

Julia Aquino Bezerra 48

Antonia Amanda Silva Leite 49

Mauricio Cassiano dos Santos 50

Priscila da Silva Araújo 52

Darla Monique Moraes Vieira 53

Alícia de Araújo Monteiro 55

## **O LIVRO COMO DESCOBERTA DE SI 56**

Manoel Caique Sousa Mota 58

Kayque Tadeu da Silva 59

André de Carvalho 60

Hannah Souza de Almeida 62

Ana Débora Oliveira Alves 64

Ismaela Iracema da Silva 66

Janio Edson Sales Silva 69

Agatha Sousa Almeida 70

Rafael Prudêncio Soares 71

Kayllane Mara Gomes do Nascimento 72

## **O LIVRO COMO UM APRENDIZADO DO AMOR 74**

Catharine Shon Pereira 76

Carla Cristina Sousa Araújo 77

Leonardo Pereira Gama Morales 79

Maria de Fátima de Lima Gomes 81

Alana Oliveira Costa 83

Gercivania da Silva Sales 85

Kemily Fernandes Macedo de Araújo 87

Raiele Nascimento Moura 89

## **O LIVRO COMO OS DESDOBRAMENTOS DO DESTINO 92**

Kayllany Xandú de Sousa 94

Evelin Dorea da Silva 96

Cintia de Freitas Xavier 98

Angelica Moreira de Souza 101

Laine da Silva Carvalho 103

Ítalo Oliveira Lima 105

Lucas Ribeiro de Paulo 107

Carla Amanda Barbosa de Oliveira 109

**O LIVRO COMO CONSELHEIRO:**

**A RESPONSABILIDADE COM O SABER ANCESTRAL 114**

Ana Clara Alves da Silva Benjamin 117

Moises Valerio Caetano 118

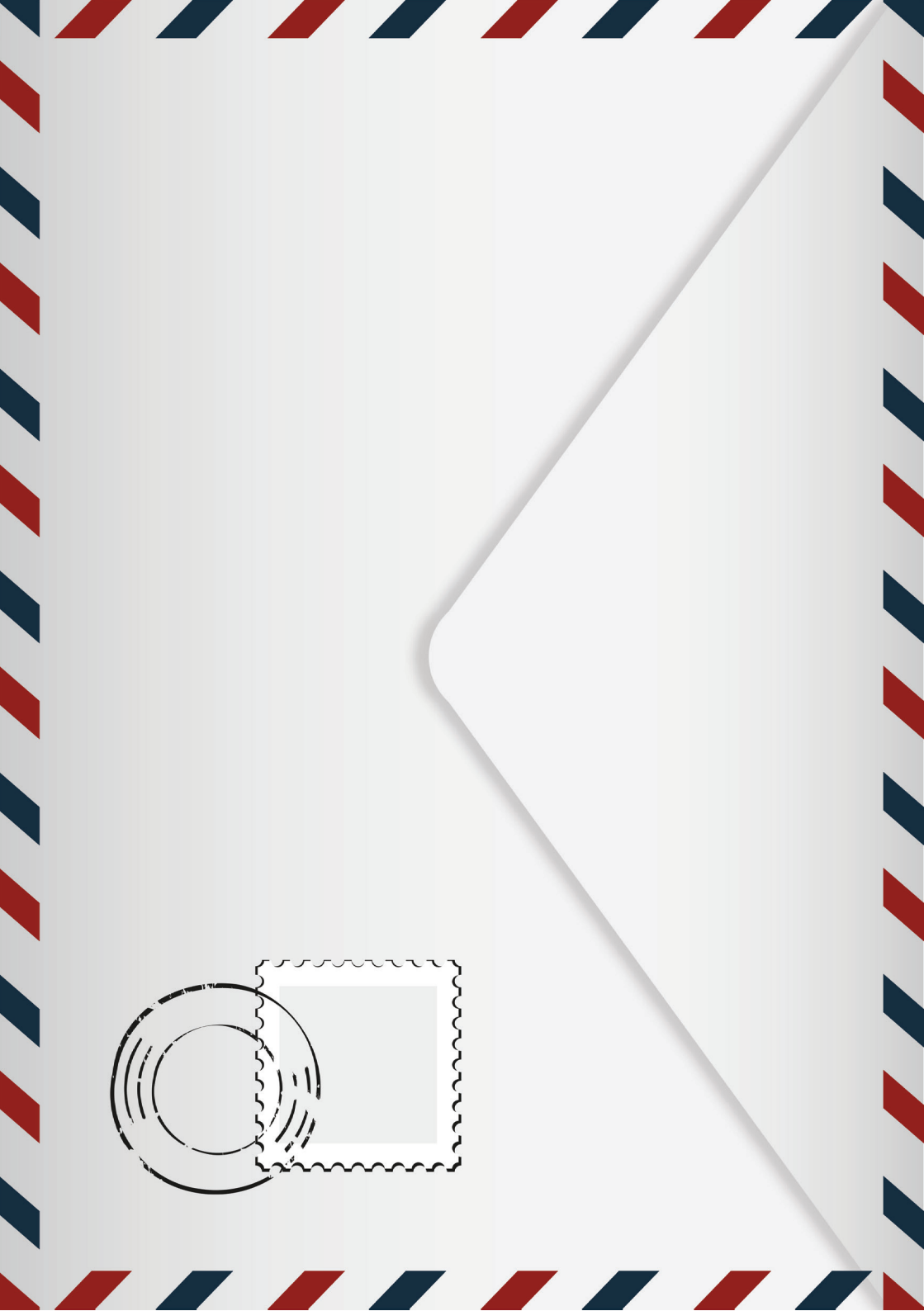
Débora Nascimento 122

Catharine Shon Pereira 124

**AGRADECIMENTOS 126**

**ESCOLAS PARTICIPANTES 127**

**LISTA DAS OBRAS QUE INSPIRARAM OS JOVENS 129**





## *A coragem de escrever*

Que alegria estar aqui com vocês, jovens e mediadores dos Círculos de Leitura!

A literatura está aqui ampla, farta e generosa para transitarmos pelos tempos, estilos e diferentes narrativas. Individualmente a leitura é esta rica experiência, mas aqui podemos sentir a potência da metodologia dos Círculos: o texto lido em voz alta se torna música na experiência coletiva e vai direto ao coração, dando acesso a infinitos particulares, mas é somente ao convidar à reflexão e à escrita, que se manifesta de forma diferente em cada um que a obra se constitui, de fato, como um tesouro.

Esta liberdade e a diversidade de textos nos convidam à festa do círculo, nos tornamos todos autores e leitores neste movimento contínuo.

Estar aqui é motivo de alegria, mas reconheço os desafios para chegarmos a este livro. Alguns desistiram pelo caminho, outros fecharam portas e janelas para que o texto não os invadisse, mas agora não há como voltar: vocês são autores e protagonistas brilhantes de seus próprios percursos e assinam parte importante da história deste tempo.

Em suas cartas estão belíssimas reflexões sobre a arte e as perspectivas da escrita e da leitura, e como foram tocados através da conversa com os autores, da amizade estabelecida com os textos - que por vezes oscila entre amor, raiva, saudade - das reconstruções possíveis, das escolhas, dos remédios para todos os tipos de dor, através da liberdade, da ausência de julgamentos, da identificação com os personagens quase como se fossem seus confidantes ou se adivinhassem seus pensamentos, e até através das receitas para todas as horas, todas com uma pitada de amor.

Agora que li vocês, preciso dizer também da enorme coragem que tiveram, especialmente de compartilhar seus emocionantes relatos de via-

gem com tanta personalidade que conheço cada um e me reconheço em seus trechos. Não importa a cidade, a heroína nem o contexto: estamos conectados por um fio de história atemporal e, à medida que nos transformamos individualmente, tecemos o nosso sentido coletivo e com coragem reconhecemos nossas fragilidades, nossas forças, nossa humanidade. Parabéns, queridas e queridos jovens autores deste Lembranças da Leitura 2021.

E quem chegar até esta linha certamente está implicado e convocado a seguir colaborando com os Círculos para que esta oportunidade alcance todos os nossos jovens. Invistam tempo, energia e recursos e contem com a gratificante garantia de transformação.

Com o meu amor, minha admiração e um encontro marcado nos livros,



*Sandra Bensaden*  
**Voluntária do Programa Círculos de Leitura**

## Conquistando a herança

No prefácio do livro “José e seus irmãos”, Thomas Mann conta o medo que sentiu ao receber a ordem de descer ao passado mais longínquo para contar a história de nossos antepassados, contar a história de como viveram, como se organizaram e no que acreditavam. São histórias fabulosas que mostram como eles foram encontrando sentido e construindo o que hoje chamamos de cultura, civilização e religião.

Thomas Mann diz que recebeu uma ordem e nós sempre nos questionamos: “Que ordem é essa? Quem dá essa ordem?” A resposta está em outros escritos do próprio Thomas Mann. Ele diz que essa ordem vem do “espírito da narrativa”, porque certos fatos, certas histórias do nosso mundo precisam ser recontadas, as pessoas precisam conhecer essas histórias.

Freud, em “Escritores Criativos e Devaneio”, define dois tipos de escritores. O primeiro deles é muito criativo, inventa e reconta as coisas que aconteceram com eles. Como uma forma de elaborar o que viveram, esses escritores se realizam ao escrever e seu leitor também se realiza e se identifica ao entrar em contato com essas histórias.

Freud faz uma nítida distinção entre aqueles que inventam suas histórias e aqueles outros que não criam seu material, mas recriam e retomam os temas universais, assim como Thomas Mann e Shakespeare.

Suas histórias, as desse segundo tipo de escritores, já foram contadas por outros escritores, mas o que eles fazem é uma reformulação do material preexistente. Eles recontam as histórias de uma forma mais profunda e poética e a conversa com eles nunca se esgota. Para Freud: “Esse material que os escritores usam procede do tesouro popular, dos mitos, das lendas, dos contos de fadas e dos sonhos seculares da humanidade jovem”.

Ainda pensando na herança que os grandes escritores nos deixaram,

T.S. Elliot, em “Tradição e Talento Individual”, afirma que “A tradição não pode ser herdada e, se alguém a deseja, tem que conquistá-la. A tradição envolve o sentido histórico, que é indispensável a alguém que pretende continuar poeta depois dos 25 anos, o sentido histórico implica a percepção do passado em nós, esta mentalidade é uma mentalidade que muda, essa mudança é um desenvolvimento que nada abandona no caminho, não aposenta nem Shakespeare, nem Homero, nem tampouco os desenhos rupestres dos artistas primitivos, toda literatura tem uma experiência simultânea. O sentimento histórico é a reunião do temporal e do atemporal, num mesmo momento presente na obra, o poeta sente que esse passado, essa mentalidade é mais importante que sua mente particular, tem uma complexidade maior, um refinamento, ele se entrega inteiramente à obra, mesmo sem saber o que virá a ser concebido. No fazer artístico ocorre uma contínua entrega de si a um dado momento, algo que se revela mais valioso”.

Com a descoberta da psicanálise, as obras de arte passaram a exercer uma função social mais completa. Freud também se deu conta que os artistas, quando criam as suas obras, em algum momento entram em contato com o inconsciente, que é um outro tempo.

Nos Círculos de Leitura, criamos um ambiente adequado, lemos essas grandes obras em voz alta e, prestando muita atenção, em algum momento acessamos esse outro tempo em que essas grandes obras foram criadas, lemos um livro como se fosse um sonho a ser decifrado, deixando aflorar os sentimentos, sabendo que os sonhos têm muitas possibilidades de interpretação.

Ao ler esses livros com os jovens, eles percebem que essas histórias são suas histórias, identificam-se com os personagens, que se tornam seus amigos mais próximos, seus tutores, seus confidentes, sentem que podem confiar nos personagens que já passaram pelo que estão passando; eles os en-

tendem e constroem com eles uma relação muito intensa, por isso as cartas dos jovens são enviadas diretamente para esses personagens, pedindo ajuda, contando seus segredos e, o que é mais maravilhoso, oferecendo apoio uns aos outros, pois ser multiplicador é isso: compartilhar as descobertas, tornar-se responsável pelo conhecimento ancestral e passá-lo adiante como uma herança capaz de ser distribuída e multiplicada para que todos tenham uma referência, um amparo durante as dificuldades que a vida nos impõe.

Foi isso o que fizeram os jovens que se desafiaram a participar desta coletânea: compartilharam as reflexões sobre suas descobertas a partir dos textos, como, por exemplo, fez Lucas Ribeiro de Paulo ao citar “Kafka e a boneca viajante”; reavivaram memórias de seus ancestrais, como na poesia de Manoel Caique Mota, ao falar sobre seu avô, o Pequeno Príncipe do Ceará, e, sobretudo, resgataram o conhecimento urdido pela humanidade ao longo de sua história, esta da qual os adolescentes são convidados a participar após conhecê-la mais profundamente durante esse período de formação por que passam.

Não é um período fácil. Não são fáceis os caminhos da adolescência e da vida adulta por vir, mas estes jovens já não vão sós, por mais que vivam experiências únicas e, muitas vezes, solitárias. E não vão sós porque, após tantas leituras, cria-se um espaço, uma clareira a partir da qual é possível ver o céu, as estrelas e acessar todas as histórias para as quais eles podem voltar em busca de um abrigo, um afago ou um consolo.

Esse lugar possível de habitar e que está, também, em nós mesmos, pode ser um lugar de silêncio que já não assusta como antes. É ele que guarda alguns dos melhores conselhos que nos ligam a um tempo prenhe de histórias e seus autores por meio da linha interminável que conjuga passado, presente e futuro.

Tais conselhos não são fórmulas, mas servem de pistas a olhos e ou-

vidos atentos, como, por exemplo, os de Moisés Caetano, que agarra esse ☒o e parece querer levá-lo adiante, vida afora, quando se apropria dessa luz vinda de tempos longínquos e assume com coragem a nossa necessidade de conselhos.

Ocorre que, tão escassos são os bons conselhos que, assim como Moisés percebe, podemos nos valer daqueles destinados a outras pessoas, como os de Rilke a Kappus, os de Shakespeare aos ingleses, os de Thomas Mann aos alemães, de Exupéry aos franceses porque, no fundo, estão destinados a todos aqueles que forem capazes de ouvi-los e separá-los do ruído do mundo, afastando-os dos maus conselhos, do medo e da imobilidade.

Moisés também fala da necessidade de compartilhar o que aprendemos, algo muito caro aos Círculos, pois de que outra forma daríamos continuidade ao mundo, aos aprendizados e à história da humanidade se começássemos sempre do zero, se tivéssemos que aprender tudo por nós mesmos?

Apropriar-se dos conselhos, das pistas que nos dão esses pensadores, de Platão a Freud, de Homero a Richard Bach, e assumi-los como luzes guias para depois compartilhá-los passando-os adiante não é apenas um ato de generosidade, é o que constrói a cultura universal, é o que nos faz humanos.


Estamos muito orgulhosos e agradecidos aos nossos jovens que aceitaram o desa☒o de expor nos seus escritos seus sentimentos e suas ideias mais profundas. Ao ler seus textos, constatamos como o espírito da narrativa se fez presente em suas vidas e é através de suas histórias, que construímos continuamente a História.



*Catalina Pagès*  
***Diretora do Programa Círculos de Leitura***

*Danilo Gonçalves*  
***Voluntário do Programa Círculos de Leitura***





*O mundo com arte  
nos dá segurança*



“Onde estão os artistas?”, se pergunta Letícia, em sua poesia. Manoel Caíque, responde que artistas e heróis são aqueles como seu avô, capaz de tornar-se um “leitor do mundo”. Já Antônia Lídia sabe que os heróis são os que acreditam em si mesmos e não se incomodam ao serem apontados como loucos.

A conversa entre eles, fisicamente tão distantes e afetivamente tão próximos, nos faz crer que os Círculos de Leitura não se encerram; pelo contrário, se expandem e reverberam temas universais que atravessam o tempo ensinando, não as respostas certas, mas as perguntas certas.

Onde estão os artistas? Onde está a arte? Onde está a beleza da vida? Como vivê-la? Essas e muitas outras perguntas podem ser percebidas nas palavras destes três participantes, e também nos muitos textos desta coletânea que nos enche de alegria por revelar que os jovens estão aprendendo e criando laços com os autores e seus ensinamentos, com a arte e suas possibilidades, com a vida e seus desafios.

Quem sabe de tanto perguntar e aprender, esses jovens acabam inventando para si e para o mundo uma nova arte, uma nova possibilidade de beleza, uma nova forma de viver.

## Letícia Pereira de Assunção

*Etec Dr<sup>a</sup> Maria Augusta Saraiva - São Paulo, SP*

Cadê os Artistas?  
Cadê os Artistas?  
Aqueles que criam novos mundos  
Aqueles que fazem o caos  
Não loucura, caos!  
Aqueles que têm a sua própria visão  
Onde eles estão?  
Onde se escondem?  
Agora, só há homens  
Homens que não criam mundos  
E sim, copiam mundos  
Homens que não fazem o caos  
Porque caos é loucura  
Loucura não é bacana  
Clichê é bacana  
Homens que não têm visão  
Apenas opiniões padronizadas  
Cadê os artistas?  
Estão com medo?  
Medo dos homens?  
Homens que não têm visão  
Visão para criar novos mundos  
Novos mundos que têm caos  
Caos, não loucura  
Caos que para o mundo  
É algo louco  
Loucura não é bom

**Manoel Caique de Sousa Mota**

*EEEP Gerardo José Dias de Loiola - Forquilha, CE*

### **Meu avô, O Pequeno Príncipe do Ceará**

O que é ler?

Será que ler é decifrar as letras

E juntar as letras

E formar as palavras

E juntar as palavras

E formar o texto?

Meu avô, baixinho quasímado do Ceará

O “Pequeno Príncipe” leitor do mundo

Lá muito longe de lugar algum

em Forquilha do Ceará

Ele não sabia letras decifrar

Ele não sabia as letras juntar

Ele não sabia as palavras formar

Ler um texto escrito ele não sabia

Todavia ele sabia ler a lua

Ele lia a lua para saber a melhor fase

para plantar o milho

Ele lia a lua para saber a melhor fase para plantar o arroz

Ele lia a lua para saber se haveria

um bom inverno

Ele lia a lua para saber se haveria

um mau inverno

Ele lia os olhos das pessoas

“Esta pessoa é de porreta, macho!”  
Ele lia as almas das pessoas  
“Aquela pessoa num tá cum nada, macho!”  
Ele lia o mundo ao redor dele  
Mesmo sem conhecer as letras escritas  
Ele lia o mundo à sua volta  
Mesmo sem conhecer as palavras escritas  
Ele lia a própria alma  
mesmo sem ler o texto escrito  
Ele lia a lua  
E viajava para a lua  
E não tinha medo de cair da lua  
E de ver a seca  
E de morrer de fome  
E de ser pego pela morte  
Ele lia a Grande Alma  
E conseguia alimentos  
E achava água  
Ele era forte  
E sabia que só ia morrer  
Quando a morte viesse buscá-lo  
para voltar ao Nosso Lar  
E junto de Deus compreender que ler  
É entender as criações divinas  
Ao redor do mundo

## **Antônia Lídia Máximo Vieira**

*EEMTI Professora Maria Afonsina Diniz Macedo - Icó, CE*

Ceará, 12 de outubro de 2021.

Querido Appleseed,

Peço-lhe desculpas e busco expressar toda minha gratidão por meio desta carta. Desculpe-me por não acreditar no seu potencial. Para ser sincera, não tive nem um pouco de fé em você! Parecia impossível acertar o total exato de moedas que havia naquele jarro.

Espero que me entenda, pois sou uma jovem com muitas dúvidas e acabo me afundando nas opiniões das pessoas. E entendo quem pensou e o chamou de louco pelo simples fato de você ter dito que ia contar as moedas, pois isso foi algo surpreendente.

Como ele poderia contar as moedas do jarro sem tirá-las de lá? - me perguntava! E pensei... isso é realmente uma atitude de uma pessoa louca, mas também de alguém que acredita em si próprio. É como se você sempre soubesse o total de moedas que havia lá. Só estava esperando ter os vinte e cinco centavos para dar o seu palpite.

A sua generosidade é estonteante. Middy, a sua irmã, vibrou muito por você, ou melhor, pelos dentes. Ela ficou tão feliz por ter uma chance de consertá-los! Fiquei maravilhada com sua generosa atitude: acertou o total de moedas e deu o prêmio para sua irmã.

Obrigada! Estou imensamente grata por ter me ensinado a ser confiante e acreditar em mim mesma. É estranho sempre pensar que não posso fazer nada. Sou insegura e, como tinha dito, sempre sigo as opiniões das pessoas em vez da minha. Sempre penso primeiro nas possibilidades ne-

gativas para depois pensar nas positivas, mas percebi que não vale a pena e que devemos sempre seguirmos a si próprios e que esperar é preciso para se ter a grande vitória desejada.

Concluí que você não é louco! Apenas acredita que é empelcado e gosta do impossível e o torna possível mesmo que seja difícil convencer as pessoas ao seu redor. E se chamarem você de louco, não se preocupe, já ouvi falar que as pessoas mais loucas são as melhores.


Obrigada por tudo!!



*Atenciosamente,*

*Sua nordestina*



A brown, textured envelope is partially open, with a silver paperclip fastening a small, rectangular, cream-colored note to its top edge. The note is positioned diagonally, overlapping the envelope's flap. The background is a plain, light color.

*O livro como tutor*



Para os jovens, os livros são tutores, os acolhem, os convidam a entrar nesse outro mundo, abrem seus braços quando a vida lhes parece “dura demais”.

Ao terem acesso a esses livros e serem multiplicadores, deixam de lado a timidez e perdem o medo de errar, no grupo há espaço para todas as ideias. É justamente a ausência desse medo que lhes abre espaço para a liberdade de “criar novos planetas, construir novas ideias” e elaborar “novos pactos com a vida”.

Ao criarmos laços, nos tornamos capazes de criar nosso “mundo interior”. É assim que descobrimos nossas capacidades, que descobrimos que o nosso “brilho se assemelha ao das estrelas” e que somos capazes de aproveitar “os verdadeiros prazeres da vida”.

## **Helienay Alves Salviano**

*EEEP Balbina Viana Arrais - Brejo Santo, CE*

13 de outubro de 2021, Trairí, Ceará.

### Minhas Re(construções)

Eu sou uma confusão de pensamentos, sentimentos e emoções. Sou uma confusão que busca se desconstruir e se reconstruir constantemente, posso dizer que até várias vezes ao dia. E para isso conto com grandes aliados: os livros. Eles diariamente me salvam, funcionam melhor do que remédios comprados na farmácia, que curam o corpo. Meus remédios curam a alma.

Minha história com a leitura começou cedo, fui apresentada a ela sem ao menos saber ler. Ela chegou na minha vida quando eu era apenas uma menininha. Começou com a contação de histórias feitas por minha mãe - tanto histórias de livros como histórias inventadas por ela mesma. Sem nenhuma dúvida, todos os contos que ouvi, os personagens que na minha mente imaginei, habitam em mim até hoje. Eles fazem parte do meu ser.

Tomada pelo gosto da leitura, logo depois foi a vez da escrita se tornar parte de mim. Sou apaixonada pelas palavras, e com elas eu sinto que consigo me refazer, me reconstruir. A leitura abre portas que me fazem conhecer novos planetas, assim como fez o Pequeno Príncipe, enquanto a escrita me faz criar novos planetas, construir novas ideias e sair da rotina cotidiana. É lendo que uma parte da minha confusão e de minhas dores são dissipadas. Ao entrar em contato com mundos que eu nem sequer sabia que existiam, ao ter minha imaginação incentivada pelas palavras, vejo que o livro me acolhe em um movimento recíproco; ele me aceita

como sou da mesma forma que eu também o aceito.

Porém, não vou mentir, às vezes essa reciprocidade acaba por não acontecer da minha parte, e termino julgando-o. Não vou me condenar por isso. Sei que o livro será capaz de me perdoar, pois mesmo se dando conta de minhas falhas, ele continua lá, a me acolher. É através dele que consigo ressignificar minhas experiências e, assim, pensar de uma forma diferente, elaborando novos pactos com a vida.

Para mim, ler se tornou um caminho onde posso observar e construir novas possibilidades, entrar em mundos de personagens que nos marcam tanto que no fim na história parece que temos um pouquinho deles em nós e que levaremos isso para sempre. Assim eu vou conseguindo me desprender do que já não mais me serve e dando novas formas ao meu ser.

Na minha vida cotidiana, costumo pensar que pequenas mortes diárias são extremamente necessárias - é preciso deixar morrer vários sentimentos, pensamentos e tudo aquilo que não me acrescenta, para que, assim, algo novo possa crescer. No meio dessas pequenas mortes, vivo o meu luto e os livros me acolhem, fazendo com que essas perdas sejam menos dolorosas, e ao invés de me destruir, elas me constroem. Nesse movimento de me desfazer de partes de mim para depois voltar a reconstruir, sinto que alguns personagens de livros lidos nos Círculos de Leitura habitam e para sempre farão morada em mim.

Fernão Capelo Gaivota me ensina todo dia que por mais difícil e doloroso que seja o processo, não devo desistir do que acredito, pois matar meus sonhos seria a mesma coisa que me matar por completo. Isso eu não aceito! Não quero viver seguindo padrões que não são sequer questionados, apenas seguidos cegamente. Quero mais que isso, bem mais... Quero voar.

No meu ser habita também uma sonhadora, que, assim como o So-

nhador de “Noites Brancas”, enxerga a vida além da realidade cotidiana e superlúa, enxerga a beleza das coisas simples e usa a imaginação para viver.

Uma parte de mim também é habitada pelo Pequeno Príncipe - creio que numa de suas viagens fez parada no meu coração e seu riso permaneceu nele para sempre. Ah, como é bom! O nosso príncipzinho me ensina todos os dias que é necessário conservar o espírito de criança, pois sem ele a vida perde a graça, fica monótona demais. Ele me ensinou também que é de grande importância cativar e ser cativado, mas mesmo assim saber quando é hora de ir embora rumo ao desconhecido. Vários outros personagens também estão em mim, e levaria horas e muito papel para citar todos. No mais, caro leitor, não pense que sou composta apenas de características boas, longe disso. Estas que citei são apenas algumas que reconheço nos personagens e, agora, também em mim, fruto da leitura, busca por autoconhecimento, aceitação e uma porção de coisas outras.

O meu ser, como citei logo no início, é uma grande confusão - uma mistura de coisas boas e ruins. Não sou perfeita e não tenho pretensão para tal. Cometo erros e acertos, tenho virtudes e defeitos, me reconheço na condição de ser humano e, por isso, busco sempre evoluir. Ainda que essa evolução de vez em quando possa doer tanto que eu chegue a achar que minha alma pode sangrar, cá estou eu, me desconstruindo e reconstruindo mais uma vez. Enquanto isso, os livros, seus personagens, as palavras e tudo mais que possa despertar minha imaginação, seguem sempre a me acolher, a abrirem seus braços e me convidarem para entrar quando a vida me parecer ser dura demais.

## Josiane Dourado Teixeira

*EEM Maria Stela Rocha Aguiar - Camocim, CE*

### Quero ser como ele

Quero ver a vida com outros olhos, com olhos de criança,  
carregar dentro de mim uma mistura linda de grandiosidade e leveza infantil  
assim como nosso príncipezinho carregava,  
quero sentir o mundo e resignificar cada pedacinho da vida.

Não quero perder meus sonhos, tal qual o aviador perdeu,  
quero que enxerguem minha jiboia digerindo um elefante e não um mero  
chapéu.

Não quero me dedicar à geografia, à história, ao cálculo ou à gramática,  
quando na verdade é a arte que impulsiona e envolve todo meu ser.  
Não quero ser um aviador sem escolhas, quero viver sem medo de errar.

Quero ser como ele,  
viajar entre os asteroides,  
conhecer utopias  
e voltar quando der.

Não quero ser um rei repleto de ordens absurdas,  
Um rei cego pelo próprio ego, que reina o que não pode controlar.

Quero ser como ele,  
Que nada mais quer que um pôr do sol e o bem de sua flor

Não quero ser um vaidoso,  
que nada mais vê do que só a si mesmo,  
alguém de alma narcisista  
com um senso de superioridade e necessidade de reafirmação.

Quero ser como ele,  
um garotinho feliz,  
sem orgulho exagerado e ego enorme

Não quero ser um bêbado,  
que vive de desculpas para se manter em um ciclo vicioso,  
que culpa o mundo e a bebida, quando o erro mora dentro de si.

Quero ser como ele,  
manter vivo em mim esse jeito curioso e infantil,  
desvendar os porquês do mundo e jamais renunciar.

Não quero ser um homem de negócios,  
não quero administrar estrelas ou possuí-las,  
quando admirá-las deveria ser o suficiente.

Quero ser como ele,  
quero cheirar as flores e dialogar com as estrelas,  
quero amar e ter tempo para divagações.

E por último, não quero ser como a rosa,  
uma flor egoísta, complicada e um tanto contraditória.

Quero ser como aquele principezinho encantador,  
que foi cativado e aprendeu a cativar.  
Quero criar laços e chorar quando quem amo se for,  
quero ver o essencial e ter sede de respostas

Não quero ser movida a números, como as pessoas grandes,  
quero viver de detalhes como ele viveu.

Ah, aquele garotinho!

Tão pequeno, mas tão enorme de coração,  
assim como ele, quero ser grande de alma,  
ser expansiva e sentir o mundo.

Quero aprender com os baobás e vulcões,  
crescer em conjunto com minha rosa e amá-la quando ela me amar sem  
egoísmos.

Sentir o amor puro e genuíno, ver com o coração,  
e então, finalmente, entender que o essencial é invisível aos olhos.

## Vitória Teixeira Braga

*EEEP José Ribeiro Damasceno - Trairí, CE*

15 de outubro de 2021, Trairí, Ceará.

Querido Sr. Rabuja

Gosto de pensar que depois de trocas e trocas de cartas somos amigos. Me falha a memória desde o último pensamento ruim que tive. Entre momentos ruins e bons, o senhor, o tão bom e velho Sr. Rabuja, estava comigo (ou pelo menos meu juízo me faz pensar assim).

Esses dias têm sido tenebrosos, a quarentena vem alastrando medo e desânimo entre todos, não que seja novidade. Sabe, é meio bizarro, mas me sinto como Anne Frank com seu diário. Sou uma menina na flor da idade, uma fugitiva de um mal, tentando sobreviver. E estou relativamente aberta junto aos meus versos e parágrafos a um relato, ou vários, não sei... A questão é que tudo bate, mas em dimensões e épocas diferentes. Só espero que não tenhamos o mesmo destino horrível, é, assim espero.

Depois de meses voltei à escola, uma nova aventura, segundo meu ponto de vista. Só que nessa aventura, em vez de monstros e dragões, há meu próprio ser lutando com os meus próprios pensamentos. Como será daqui pra frente? A maioria das minhas narrativas falam de coisas que já aconteceram, então várias possibilidades não eram... possibilidades. Entende? Estou enlouquecendo. Preciso de um profissional, um psicólogo ou de uma nova releitura de “O príncipe Dath” no Círculo de Leitura.

É mais fácil ler, reler, reter e seguir todo o fluxo novamente do que conseguir seguir a própria proposta e conselho que nos dá a história do príncipe Dath. Acho que cheguei na idade, sabe? A idade de achar minha



joia, e já estou buscando por ela. O único “porém” é que não sei bem o que é. Dath pelo menos tinha ideia do que estava à procura, só esqueceu no caminho.

Mas é bom saber que em algum lugar no mundo, apesar de escondido, há algo só meu. Quero descobrir logo o que é. Será um espaço com folha de papel e pessoas dispostas a ouvir meus poemas? Ou uma sala esperando meus ensinamentos? Um prédio esperando ser construído? Ou uma casinha na praia esperando ser habitada... Enfim, só queria pedir pensamentos menos confusos para o senhor. É que me falham as lembranças de pensamentos ruins, realmente me falham, mas estou começando a delirar com as indesejadas possibilidades de pensamentos imprevisíveis. Deixe os pensamentos menos confusos e agressivos da próxima vez, por favor, que eu lhe prometo mais torta.



Com amor e carinho,  
*a menina que gosta de livros de romance.*

P.S.: Responda logo, senão, nada de torta.

## **Maria Yasmine Martins de Sousa**

*EEEP Balbina Viana Arrais - Brejo Santo, CE*

Quando participo dos encontros dos Círculos de Leitura sempre me envolvo muito com as histórias. É como se eu fosse um dos personagens a criar meu próprio mundo interior. Lembro que quando comecei a ler sentia tudo que estava escrito, sofria e sorria ao decorrer de cada capítulo.

Passados os anos ainda me envolvo com cada palavrinha que está nas páginas, mas agora, com mais maturidade, busco entender o que tem por trás das histórias e qual ensinamento o autor deixou implícito.

Participar dos encontros me faz perceber a nossa evolução como grupo. Mesmo virtualmente criamos uma conexão e passamos a desenvolver uma inteligência coletiva, pois sempre paramos para refletir sobre o livro. Nesses momentos percebo que é mais do que apenas uma situação fictícia ou uma simples representação de algo verídico, sinto que existem propositalmente lições dentro de cada página que me fazem evoluir como pessoa.

Quando comento com meus colegas, chego a uma conclusão sobre o que passou na cabeça do autor ao escrever aquilo, me coloco no seu lugar, numa espécie de empatia literária em que posso ser o que eu quiser. E foi assim durante a leitura do livro “Kafka e a boneca viajante”, na qual entendi a importância de proteger a ingenuidade das crianças, principalmente quando Franz Kafka tem a opção de ignorar, mas escolhe ajudar a menina, que é uma estranha para ele. Ao acolher aquela criança ele transformou o mundo dela e a protegeu do trauma da perda.

Na leitura de cada livro, me sinto como a Elsie, protegida e acolhida. A cada encontro mediado pelos multiplicadores é como se o ato de ler me proporcionasse uma espécie de proteção da imaginação, que não limita e, sim, me permite crescer, evoluir, ir além do mundo real.

**Graziely Bandeira Lima**

*EEEP Professor Walquer Cavalcante Maia - Russas, CE*

**Ninguém notou**

Ninguém notou, mas eu a vi,  
cheguei bem perto,  
perto de ti.  
Bem perto mesmo  
até de desistir...

Supremas suas lágrimas  
que me fizeram ficar...  
Preso no círculo invisível,  
não podendo lhe deixar.  
Seria uma desonra  
não lhe ajudar.

## **Sophia Moreira da Silva**

*EEEP Antônio Rodrigues de Oliveira - Pedra Branca, CE*

O poema “Ouvir Estrelas”, de Olavo Bilac, diz que é preciso amar as estrelas para entendê-las. Acredito que o mesmo se aplique ao programa Círculos de Leitura, que, a princípio, pareceu ser algo tão simples, mas que conseguiu se tornar muito especial desde o momento que me senti mais vinculada a ele, à minha escola e aos meus colegas. Somente posso explicar a sensação de ser multiplicadora àqueles que amam os Círculos, visto que apenas estes podem entender.

Tornei-me Catalina Pagés, em “Carta ao Eterno Poeta”, pois ela afirmou ter descoberto que, no grupo, palavras são estrelas. Encontro-me convencida de que compartilho da mesma descoberta, uma vez que nos Círculos todos os livros, textos e pontos de vista são algo além de singelas palavras. Uma coisa é falar sobre palavras no geral, outra, bem diferente, é pensar sobre elas quando estou nos Círculos.

Devido a essas palavras desenvolvi minha visão de mundo, deixei de lado minha timidez e criei laços com todos os personagens, professores, multiplicadores e colegas.

De acordo com “O Pequeno Príncipe”, “as pessoas têm estrelas que não são as mesmas”. Para uns, os que viajam, as estrelas são guias. Para outros elas não passam de pequenas luzes. Nesse sentido, o programa Círculos de Leitura funciona como as estrelas, pois impacta de diferentes maneiras os estudantes. Fui uma entre esses estudantes, porque a cada história eu absorvia algum aprendizado e me sentia livre para expressar qualquer opinião ou sentimento.

Gabriela Ferreira relatou, em “Experiência de Voo”, que “logo o erro vira brilho, como o da estrela. E o voo volta”. Ou seja, nos encontros não

existem “erros”, já que o projeto dos Círculos não é de forma alguma tedioso ou mecanizado.

O Pequeno Príncipe afirmou que o homem de negócios está tão preocupado em ser dono das estrelas para ter mais estrelas, que esqueceu de desfrutar da vida. Quando li essa parte do livro, percebi que eu estava me preocupando com coisas banais em vez de aproveitar como realmente deveria. Então, ser multiplicadora foi o que me proporcionou a possibilidade de aproveitar os verdadeiros prazeres da vida. Portanto, o programa Círculos de Leitura fez com que eu descobrisse que o meu brilho se assemelha ao das estrelas.

## **Gabriele da Silva Aguiar**

*EEM Professora Maria Edilce Dias Fernandes - Ibicuitinga, CE*

Relato de uma jovem leitora que espera não ser jovem demais para entender os livros e nem se deixar ser velha demais para não entendê-los.

Essencial. Algo que sempre me intriga nesse mundo da leitura são os leitores que dizem se apaixonar de olhos abertos, porém, com a mente e o coração fechados. Como ler um livro sem se emocionar com os personagens que nos são apresentados? Como ler sem ser teletransportado através da mente para aquele lugar novo e desconhecido? Considero isso algo quase impossível. Quase.

Felizmente, a grande maioria dos leitores desconhecem o ato “ler por ler”, em que nenhuma emoção ou sentimento está por trás da leitura, e isso é a tradução poética do que considero essencial na leitura.

Nesses momentos, em que penso até onde os livros podem nos levar, lembro-me de um certo garotinho que está sempre rindo, que tem cabelos dourados e que não responde as perguntas que lhe são feitas. A sua frase que mais me toca, se não me falha a memória, é “O essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração”.

Ao relembrar essa frase, lembro-me também da história por trás dela, a história do pequeno príncipe. Como pode um livro infantil trazer tantas lições e sentimentos? Como? Isso, caro leitor, é algo que considero essencial, mas que nem sempre percebemos. Às vezes somos jovens demais para entendermos, jovens demais para ver com o coração. E, às vezes, nos deixamos ficar velhos demais e esquecemos de admirar os belos e pequenos detalhes.

Desse modo, a maior lição dessa linda obra é o próprio pequeno príncipe, que hoje vive nas estrelas. Ele é eterno e, mesmo assim, sempre jovem, e segue combinando a imaginação e a emoção, e, assim, entendendo tudo de um ponto de vista único, típico de um leitor.



A brown paper envelope is partially open, with a silver paperclip holding the flap. A white card is placed on top of the envelope, featuring handwritten text in a cursive script.

*O livro como remédio*



Quando tudo está escuro e sentimos que não temos mais forças para levantar, os livros são como “lâmpioes que iluminam caminhos” e nos fazem “despertar de um sono profundo”.

Esse sono que pode nos abater momentaneamente é, muitas vezes, provocado pelo cansaço de lutarmos o tempo todo “contra os revezes da vida”, contra a sensação de “pilotar um avião desgovernado”. Sono esse que também pode ser provocado por dores profundas, dores de “partir o peito” a que o corpo reage recolhendo-se, pondo-se em estado de torpor, como que para deixar de sentir tanto.

Por sorte, os livros são como baús que “guardam mundos fantásticos que nos fazem sair desse mundo de perdas afixivas para nos tornar pessoas alegres, de imaginação sem limite; sair da tristeza absoluta e viver”.

Para estes jovens que veem nos livros remédios para a alma, é possível sentir que os textos contêm algo que os desperta e os inunda de vida, fazendo-os sentir que “tudo vai dar certo”, que podemos “melhor tentar, melhor viver”, para um dia, quem sabe, serem capazes de saborear a vida compartilhando-a com as pessoas certas, como se pudessem estar ao redor de uma mesa onde um banquete os nutre de sonhos e os alimenta de coragem.

## **José Cauê Soares Sampaio**

*EEM Professora Maria Edilce Dias Fernandes - Ibicuitinga, CE*

Desde pequeno sempre tive um comportamento mais além do meu tempo, algo que não condiz com minha idade. Sempre me achei inferior aos outros por não gostar de futebol e por assistir telejornais. Sempre achei que virei adulto antes do tempo, assim como em “O chão adormecido no baú dos sonhos”.

A busca de Terezinha, uma menina de apenas oito anos, se fez necessária pela preocupação que tinha com seu pai, um pai “sem chão”, e essa necessidade a transformou rapidamente em uma “mulher”. A agora Teresa cresce em seu repertório de experiências e se fortalece através de novos vínculos, pois foi preciso crescer para fazer chão.

Ela se tornou mulher por necessidade, por não ter uma figura paterna. Seu pai estava sem chão e Terezinha, ao demonstrar preocupação com isso, se coloca a caminho em busca de um chão para ele.

Terezinha é uma extensão de muitas crianças, crianças que perderam suas infâncias porque tiveram que abandonar cedo seus brinquedos para ter responsabilidades. Nem sempre é por querer, às vezes é por necessidade.

Terezinha é uma extensão de mim, que perdi a mãe aos 5 anos de idade. Quando vi tudo escuro, quando vi que não tinha forças para me levantar, os livros foram lâmpadas que iluminaram meus caminhos e me fizeram despertar de um sono profundo. E por mais que vinham recaídas, sempre soube onde encontrar minha fortaleza.

Os livros são baús que, além de alegria, guardam mundos fantásticos que nos fazem sair desse mundo de perdas ativas para nos tornar pessoas alegres, de imaginação sem limite.

Clarice Lispector uma vez disse uma frase que guardo com muito carinho. A frase me impactou, pois era como se Clarice estivesse contando o que sinto, contando tudo que passei. “Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei”.

Não é se render à tristeza, é se render à vontade de viver, é aproveitar cada segundo como se não houvesse o amanhã, é abraçar seus pais e dar neles um beijo bem forte, é sobre estar com os amigos e não viver se cobrando para ser como os outros o enxergam. É viver e ser feliz.

Assim aprendi, pois os livros me mostraram como é ser feliz. A literatura se tornou a mãe que não tive, e os autores meus amigos mais próximos. Os personagens eram meus confidentes, era com eles que eu passava meu maior tempo.

E no período de quarentena o que mais me alegrava era ler com os amigos, era como se cada capítulo lido, cada página lida, cada frase que saía da minha boca levasse consigo a tristeza. Daí veio meu gosto pela poesia.

Os Círculos de Leitura me davam ânimo, gravavam em mim um ar de aconchego, e, assim como poeta que recita as palavras, aqueles momentos a sós com meus colegas levavam um pouco da solidão que era como um parasita na minha vida.

Adições de todas as formas, de não conseguir ler um livro no prazo estipulado, de estar cansado física e mentalmente, de não conseguir realizar um projeto. Ah, mas quando chegavam novos capítulos para ler era como se tudo aquilo já não importasse mais e a adição dentro de mim cedesse lugar a pensamentos fantasiosos e cheios de alegria.

Eu adquiri o amor pela escrita. Eu escrevo, escrevo como forma de me distanciar desse mundo caótico, e minhas histórias transmitem meus viveres e minhas experiências. Há mais de dois anos aprendi que para es-

crever bem é preciso ler. Aprendi isso com minha escola do ensino médio, por meio de projetos de leituras, daí veio minha paixão por alguns escritores, como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Fiódor Dostoiévski etc.

Todos me enchiam de pensamentos, e tudo que eu mais queria era sair da tristeza absoluta e viver. Viver junto a ideias que faziam com que a todo entardecer eu me sentasse em frente a uma janela e destrinchasse minhas ideias em um pedaço de papel. Eu sou feliz, e quero ser muito mais, e já sei como ser, a literatura é o caminho para a felicidade.

## **João Gabriel Ferreira de Almeida**

*EEM Maria José Coutinho - Quiterianópolis, CE*

Queridos Kafka e Elsie

Olá, escrevo-lhes hoje essa carta para agradecer a vocês dois. Bem, vocês devem estar se perguntando o motivo para o envio desta carta, então vou me apresentar brevemente. Sou um jovem estudante de uma cidadezinha do interior do Ceará, e ouvi toda a sua história sobre a boneca viajante, Elsie. Falando nisso, como está Dora? Espero que esteja bem.

Eu sei bem como é difícil perder alguém amado, já perdi uma irmã, recordo de acordar toda manhã e ouvir sua doce voz logo cedo, de seu encantador sorriso, seu abraço quente e reconfortante como uma manhã ensolarada de verão, de seus lindos cabelos pretos balançando no vento. Já se passaram dois anos desde sua partida, mas parece que a cada dia a saudade aperta dentro do peito. Às vezes dormia junto dela, abraçava ela, e imagino que você fazia o mesmo com Brígida.

Quando ouvi a frase “sei que você chorou quando fui embora, mas quero que ria e cante e sempre pense que o futuro não é o problema a resolver, mas um mistério a descobrir”, senti um toque no fundo da minha alma, que me trouxe paz e serenidade, e agradeço tudo isso a você, Kafka. O senhor me fez perceber que na vida temos que ter sonhos para não cair na monotonia da rotina, e tenho praticado essa religião e me sentido cada vez mais cheio de vida.

Fico por aqui, agradecendo por seus ensinamentos, algo que levarei para o resto da minha vida. O luto é difícil de superar, mas o senhor deixou tudo isso mais fácil.

P.S. Elsie, se a tristeza bater na porta, saia, brinque, abra a janela, abraçe a sua mãe e acredite que tudo vai dar certo.

**Sara Barros Lopes Silva**

*EEM Prof<sup>a</sup> Maria Edilce Dias Fernandes - Ibicuitinga, CE*

## **O despertar da imaginação**

Às vezes me pergunto por que será que algumas pessoas não são apaixonadas por leitura. O que é que aconteceu para esquecerem de apresentar-lhes o mundo da imaginação? Fico a imaginar como é difícil a vida de um escritor que tem que trazer, no manuseio das palavras, o poder da fantasia ao compor um livro que nos transportará para outro mundo.

A leitura é essencial! Tanto com histórias antigas quanto fictícias, ela nos leva às alturas, como um pássaro anseia por voos. Assim sou eu... Quero ser como Fernão Capelo Gaivota.

Em “O diário de Anne Frank”, uma garota judia de 13 anos, que ficou escondida com a família durante a ocupação nazista na Holanda, escreveu, por mais de dois anos, um dos registros mais detalhados do dia a dia daquela fase em que os nazistas liderados por Hitler espalharam o horror entre seus perseguidos.

Durante esse trajeto de pandemia, vivenciamos uma guerra diferente da que Anne vivenciou. Contudo, foi através do isolamento causado por um vírus desconhecido que percebi que a vida não é fácil longe das pessoas, e foi nas minhas leituras que fiz voos desconhecidos, que foi possível conhecer os Círculos de Leitura da minha escola, que me identifiquei para ser uma multiplicadora. Assim conheci diversos textos, como “De muito procurar”, “O príncipe Dhat”, “A menina e o pássaro encantado”...

Não foi preciso procurar muito para saber que através de leituras podemos dar asas à imaginação e refletir sobre histórias que até parecem com nossas próprias vidas.

Também pude perceber que a leitura nos faz ver verdades. A história “A menina e o pássaro encantado”, por exemplo, me fez acreditar que a saudade pode não ser tão ruim quanto parece, que talvez ela só seja uma forma de afeto que muitos temem e não querem passar. Mas, se sentimos saudades de alguém, é sinal que vivenciamos bons momentos, e que o amor cresceu.

**Julia Aquino Bezerra**

*EE Deputado Manoel de Nóbrega - São Paulo, SP*

### **Fragilidade é algo tão complicado assim?**

Uma das coisas mais marcantes no livro “O Pequeno Príncipe”, para mim, foi o desenho do aviador, que ninguém viu pelo lado dele, o que foi algo muito marcante, e que, sinceramente, virou um “espinho” nele.

Para mim, espinhos de rosas são como fragilidades do ser humano, e eles são causados por traumas, decepções e outras coisas.

Por isso acho que a “rejeição” dos adultos com o desenho do aviador acabou virando um espinho.

Eu também acho que eles nunca vão totalmente embora, sempre deixarão uma lembrança ou um machucado e, por isso, aprender a conviver com eles é necessário e possível, talvez seja um novo momento de adaptação. Espinhos são importantes para a vida. Doer dói mesmo, e não é pouco.

Corremos o risco de criar um muro, não criarmos novos amigos por medo de eles não gostarem de nós, de nos acharem chatos(as), e eu sei, porque eu criei um espinho gigante e muito pontudo em mim, que eu fui tirando aos poucos, mas ele não foi bom, como nem sempre é.

Com toda certeza vamos ter que quebrar muros, alguns mais baixos e outros muito altos. Quebrar barreiras é muito difícil, mas não é impossível! Eu confio em você, e sei que vai passar por cada um de um jeito diferente!

Todos somos rosas, todos machucamo-nos, choramos, cansamos, nos esgotamos, machucamos outras pessoas com nossos espinhos e isso é humano e normal. Além disso, merecemos uma segunda chance.



**Antonia Amanda Silva Leite**

*EEEP Maria Célia Pinheiro Falcão - Pereiro, CE*

**Soneto – Como em uma prisão.**

O doce odor vindo de seu jardim,  
As belas flores que nele residem.  
De onde viera tal beleza em um mundo fora de ordem?  
É simples, o bem e a harmonia lá presidem.

Ô bela moça, que cantas na sacada,  
Por que não desce ao jardim?  
A vossa carne delicada  
Não anseia pela liberdade de viver?

Como inveja o pássaro que voa sem coerção,  
Como inveja a flor que é beijada pelo vento,  
Porque a eles a liberdade e para ti só resta prisão?

Bela moça, feche a janela e volte aos livros,  
O carcereiro sobe as escadas novamente  
E vós correis o risco de ser punida, infelizmente.

Setembro de 2021

## **Mauricio Cassiano dos Santos**

*Escola Nail - São Bernardo do Campo, SP*

Ainda jovem, com 17 anos, tive a oportunidade e o privilégio de conhecer e trabalhar no Instituto Fernand Braudel. Saí de um bairro simples no extremo leste de São Paulo e com apenas uma formação de valores e princípios, todos os de minha mãe, nordestina, semianalfabeta, guerreira na criação de 6 filhos sem a presença de um pai. Princípios estes baseados na busca incessante de caráter, honestidade, ética, luta e persistência diante dos desarranjos da vida.

Digo isso porque, dentre tantas leituras do projeto Círculos de Leitura, que permitiram construir a pessoa que me tornei hoje, me identifiquei com a história de “O velho e o mar”, de Ernest Hemingway.

Este autor extraordinário ganhou o prêmio Nobel em 1954, mesmo ano de nascimento da minha mãe. Ele nos deu um presente incrível com a história do velho pescador Santiago.

Neste ano de 2021 perdi minha rainha para a Covid e hoje me sinto como o velho pescador Santiago, lutando contra os revezes da vida, incertezas, dúvidas, medos e, mais do que tudo, lutando para manter o espírito de coragem e a força de Santiago numa batalha leal e honesta com a vida, que em seu caso foi representada na incrível batalha entre o “Velho e o Peixe”.

Sua história é uma representação dos anseios da vida: vibrante e incerta, mas com um propósito misterioso de vencer questionamentos universais sobre quem somos, sobre nossa existência e sobre a luta constante de nos sentirmos vivos.

Somos seres humanos colocados em confronto com as forças naturais, e até mesmo contra energias opressoras; de um lado o Velho e do outro

o peixe, uma representatividade da coragem que temos que ter para lutar sempre, incansavelmente, na busca de nossos sonhos e pensamentos a fim de conquistarmos a nossa felicidade.

Somos todos pescadores na luta incansável de embates e vicissitudes da vida, aprendendo a receber triunfos e derrotas para um crescimento de espírito que nos permita ser grandes seres humanos.

Hoje me sinto assim, ter aqui aprendido a saga e os ensinamentos de quem me trouxe a esta vida e há poucos meses estar lutando para superar esta perda do maior amor que tive a experiência de ter e, assim, ter que aprender a superar este “peixe” que é o tempo da vida e que me fez sentir algo tão forte, de partir o peito.

## Priscila da Silva Araújo

*EEM Jaime Laurindo - Camocim, CE*

Araras, 09 de outubro de 2021

Fernão Capelo, lhe escrevo como quem não quer nada, secretamente querendo tanto, mesmo que agora minha ganância não seja mais segredo algum, visto que acabei de declarar isso.

Genuína é minha vontade de saber, assim como você, Fernão. Mas é que tem sido extremamente cansativo aprender e tentar tudo isso sozinha. Eu estou em um loop infinito de fracassar e quero muito sair disso. Me prendo nas páginas de sua história, em que tentar e repetidamente falhar era sua rotina, e é então que lembro que me prender assim significa que aceito ser limitada, e isso é o que menos desejo para minha pequena existência.

Faz pouco tempo que me atirei ao chão e pedi que a mim só restasse meu próprio afogamento em lágrimas. Subitamente, algo aconteceu em minha mente durante esse processo: lembrei de você e tentei escapar da situação deprimente em que me encontrava. Comecei a pensar que poderia melhor tentar, melhor viver e falar com essa gaivota que, sem perceber, motiva tantos. Obrigada por existir. Você me salvou.

No entanto, o peso do fracasso ainda me incomoda por tempo demais. Juro que tenho lutado o máximo que posso, e conhecê-lo foi algo imensamente positivo. Não irei desistir. Tenha certeza disso, Fernão Capelo Gaivota.



Carinhosamente, e com curiosidade para alçar voo,  
*uma de suas admiradoras e aprendizes*

## **Darla Monique Moraes Vieira**

*EE Professora Maria Aparecida de Castro Masiero - São Paulo, SP*

### **Náufrago sem lar**

Ontem à tarde, observei minha janela de vidro fechada e os respingos de chuva que caminhavam lentamente, tirando o embaçado que o vendaval produzia. Há cerca de dois metros havia um rolo de papel higiênico que pensei em buscar para amenizar o caos do vidro, porém o chão aparentava estar escorregadio para andar sobre ele.

As gotas d'água alertaram que estava prestes a começar uma corrida de São Silvestre. Havia baldes por todo lado, mas aquelas gotas invadiram minha casa, após um ataque terrível ao meu telhado, e inundaram tudo. O papel higiênico se encharcou e perdeu-se pela enchente dos cômodos.

Meu rosto se desfigurou quando as gotas d'água que caíam sobre o telhado encontraram-se com as minhas lágrimas, água do meu corpo que se apaixonou pela sua semelhança com a chuva e convidou-a para morar em meu lar. Foram elas que depois se apuseram no meu coração, ocasionando ansiedade e eletrocutando as partículas que formam minha epiderme, a capa que me protege e resguarda minha energia para aguentar mais um dia viva sem ter que secar minhas lágrimas.

Livros e cadernos que estavam em uma caixa de papelão se abriram, letras e palavras se afundaram no vazio e no frio.

Perdi móveis, eletrodomésticos, cama e eu mesma. Sim, me perdi. Perdi as forças de continuar sendo a pessoa que abraça o mundo e diz que vai ficar bem, quando, na verdade, não está há muito tempo e tudo que preciso é fugir da minha mente. Ser sensitiva, às vezes, me preocupa.

Carregar a veracidade do que o mundo sente é grave, é como pilotar um avião desgovernado sem dizer o último “eu te amo” para a pessoa amada.

As manhãs de sol, o sol das 10 horas, por esses dias não vieram visitar meu quarto, talvez porque acalantar minha vida seja desgastante, e pegar pela mãozinha para eu não me afundar no mar de cobranças, inseguranças e crises, prolonga sofrimentos que devo enfrentar.

Hoje olhei para minha janela de fora, avistei gotas d’água escorrendo por dentro. A tristeza me expulsou de casa e o sol não se comoveu com a inundação.

**Alicia de Araújo Monteiro**

*EEEP Maria Cavalcante Costa - Quixadá, CE*

## **Torta de “essencial”**

### INGREDIENTES

- 1 (unidade) do livro “O Pequeno Príncipe”, do autor Antoine de Saint-Exupéry
- 1 xícara de coração aberto
- 2 porções de mente tranquila
- 3 colheres (sopa) de sensibilidade


### MODO DE PREPARO

Procure um ambiente tranquilo, silencioso e confortável, e se acomode como preferir. Abra o livro, mas só comece a se deliciar na leitura quando o coração aberto e a mente tranquila estiverem prontos para serem usados, pois não esqueça que somos eternamente responsáveis por aquilo que cativamos.

Ao longo da leitura, certifique-se também de que as 3 colheres de sensibilidade estão sendo utilizadas sabiamente, e não estranhe caso algumas lágrimas escorram dos seus olhos, porque isso faz parte do processo!

Enquanto os ensinamentos do Pequeno Príncipe estão sendo preparados na sua mente, em fogo alto, tente identificar e refletir sobre as frases mais gostosas que o príncipezinho nos apresenta, como, por exemplo: “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” e deixe a imaginação rolar solta!

Quando notares que sua torta de “essencial” está pronta para ser servida, lembre-se de compartilhá-la somente com aqueles que saberão admirar e reconhecer as lições essenciais que “O Pequeno Príncipe” está disposto a nos oferecer.

A brown, textured envelope is partially open, with a silver paperclip fastening its flap. A cream-colored rectangular note is tucked into the envelope, held in place by the paperclip. The note features the text "O livro como descoberta de si" written in a black, elegant cursive script.

*O livro como  
descoberta de si*



Os jovens, ao entrar em contato com os Círculos de Leitura e seus textos, percebem que podem “procurar nas páginas desse mundo o seu papel” e serem seus “próprios catadores de pensamentos”.

Estamos, aqui, na companhia dos inquietos, daqueles que buscam o sentido da vida, buscam seu lugar no mundo, sua “melhor parte” por meio da “leitura e sua arte” pois, para eles, o bom “é sermos nós mesmos”.

Tal descoberta se inicia quando nos permitimos abalar nossas certezas, nos Círculos de Leitura as falas e os escritos despertam em nós essa inquietude por nos reconhecermos em personagens e seus dilemas.

Uma inquietação assim tão profunda extrapola as leituras e nos faz percorrer um caminho em busca da singularidade da vida. Esse caminho, inevitavelmente, leva a mais questionamentos: “Sou poeta?”, “E o preço de ser diferente?”.

Mesmo não encontrando respostas para todas as perguntas, são os questionamentos que nos levam a perceber que às vezes “somos nós mesmos os produtores do medo” de não saber, de não entender, e, portanto, nos levam a compreender que não precisamos temer algo que nós mesmos criamos.

Em busca da descoberta de si, os jovens experimentam em vez de repetir fórmulas, poetizam a vida e escrevem, justamente como aconselha o personagem de um dos textos, o Sr. Antonio: “Escreva! Para denunciar, para enquadrar, para mudar. Tenha coragem de fazer a mudança no seu país!”.

Mas o que escrever? Precisamos ouvir, conhecer mais coisas, conhecer o outro, conhecer a nós mesmos para que então sejamos capazes de criar pontes que nos levarão adiante, além.

**Manoel Caique Sousa Mota**

*EEEP Gerardo José Dias de Loiola - Forquilha, CE*

### **Literatura em toda parte**

No dia que em que eu segurei um livro de papel na mão,  
foi quando meus olhos se abriram e viram  
o gigantesco poder da leitura de transformação.  
Junto às estrelas meus pensamentos subiram,  
buracos negros de sentimentos me engoliram  
e me tornei o próprio universo sem nenhuma medida.

Fui astronauta procurando o sentido da vida,  
mas foi apenas depois que eu encontrei a leitura e sua arte  
que finalmente descobri minha melhor parte,  
e agora meu coração bate sem ter medo da corrida.

Daí eu não fui mais eu, e sim o universo inteiro,  
sendo liberto para revelar a minha melhor parte,  
se tornando o mundo, a vida e o meu eu mais verdadeiro.

Eu era feliz e já nem reparava naquele desgaste.  
Turbinado, parti com o Pequeno Príncipe na corrida até Marte  
sendo feliz: eu era astronauta procurando o sentido da vida,  
mas foi apenas depois que encontrei a leitura e sua arte,  
que finalmente descobri minha melhor parte,  
e agora meu coração bate sem ter medo da corrida.

## Kayque Tadeu da Silva

*EE Brasília Machado - São Paulo, SP*

### Solidão

Desde que o mundo se tornou algo concreto e real, às vezes fantástico, o ser humano sabe o que é o caos, quando não se tem refúgio ou abrigo ou mesmo alguém em quem se apoiar ou inspirar. É preciso ter um lugar seguro para chamar de lar. Há aqueles que se refugiam em “becos” e “esgotos”... onde restam sonho e solidão. Esse sou eu.

Noites escuras... sombrias. Dias e dias de uma vida sem ãm... solidão... vazio... rotina.

Mas... em um amanhecer...

No caminho do trabalho, no escritório de logística, uma notícia surpreende e tudo que pode ser ruim bate à porta daqueles que sonham ou buscam respostas. Um vírus! Sim, um vírus! E assim a vida para. É preciso um plano. Penso em uma saída. Fazer uma base de subsistência: plantar, colher, sobreviver. Convido um amigo, traçamos metas, comida, bebida, subsistência. Tudo parece pensado.

Noites, dias, rotinas intermináveis, tudo demorava a passar e nada do vírus amenizar. O que era para ser um isolamento tornou-se um aprisionamento. Nada mais interessava.

Se as noites eram escuras e frias, pela janela se via a luz do dia que nem mais aquecia. Em meio a tudo isso, Fiódor Dostoiévski, por meio de “Noites Brancas”, nos mostra que os dias quase eternos trazem sonho e realidade dentro desse novo contexto que leva à procura de convivência em um mundo de desaños e transformações.

A experiência do isolamento deu a mim e ao meu amigo a certeza de que é preciso se relacionar, respeitar e nunca desistir.

## **André de Carvalho**

*Etec Irmã Agostina - São Paulo, SP*

Dos choques que vivenciamos, cada um nos ensina algo, talvez como um aprendizado catártico que acontece por meio de uma experiência que nos submete a sensações que não gostaríamos de ter em nosso dia a dia, como o medo ou a opressão.

Clarice Lispector nos mostra isso em “Perdoando Deus”, quando sua personagem, alegre de si e daquilo que a cerca, se depara com um rato morto, colocando-a em dúvida sobre tudo aquilo que acreditava ser belo. Um misto de inferioridade por “não ter controle” da situação e medo do animal que já sequer pode atacá-la colocam-na em êxtase. Sentimentos que, de alguma forma, após o choque, lhe ensinaram algo.

Lembro-me do filósofo Luiz Felipe Pondé, em uma de minhas entrevistas preferidas ao ex-nado diretor de teatro e apresentador Antônio Abujamra, dizendo que o homem é um animal que sabe mais do que deve e menos do que precisa. Segundo ele, carregamos conosco nosso cadáver, conhecemos nossa finitude. Indagado sobre a maneira como aproveitamos a vida com um pensamento desse, ele responde que nós não pensamos nisso.

Mais tarde, quando tive a honra de conhecer Dostoiévski e seus escritos, o autor talvez tenha sido para mim o que o rato foi para a personagem de Clarice. Eu definitivamente não enxergava o mundo da mesma forma, mas cada leitura me proporcionava o mesmo choque, a mesma catarse, principalmente em se tratando do Grande Inquisidor (trecho presente em “Irmãos Karamázov”).

O monólogo (detalhe importantíssimo, aliás) mostra um Cardeal durante a Inquisição Espanhola frente a frente com Jesus reencarnado.

Dostoiévski traz como reflexão a natureza humana quando escreve que o homem pertencente ao clero ordena a prisão e a morte de Cristo (para manter seu poder, talvez?), que tem como único ato nessa história a breve passagem de beijar seu carrasco. “É o diabo a lutar contra Deus, onde o campo de batalha é o coração humano”.

Todos esses escritos e falas despertam em mim uma inquietude de tentar me reconhecer neles. Começo esse texto dizendo que muitos desses sentimentos nós não gostaríamos de vivenciar constantemente, mas acredito que apenas não lhes damos vozes (Pondé estava certo).

Em “Memórias do subsolo”, Dostoiévski define o homem como um bípede ingrato. Somos ingratos por tudo aquilo que nos cerca quando nos deixamos abalar por momentos como esses. Um rato que ameaça nossas certezas, um fato que ignoramos e as duas faces da nossa natureza sempre estavam e sempre vão estar ali, nós é que tentamos escondê-las a todo custo.

Imagino que todos nós, além dessa semelhança, também não sabemos por que somos assim, apenas somos. Preferimos nos enxergar em determinada situação, de determinada maneira. Talvez seja mais confortável, até que o choque venha para nos ensinar algo.

## **Hannah Souza de Almeida**

*EE Deputado Manoel de Nóbrega - São Paulo, SP*

Pensamentos... tão misteriosos e profundos, tão inteligentes e bobos, tão fofos e radicais, tão especiais e banais, tão importantes, que se não houvesse catadores de pensamentos, o mundo estaria perdido. O Sr. Rabuja tem um dom, o dom de pegar pensamentos confusos e transformá-los em novos, ele tem o dom de pegar todos os pensamentos embolados, desemaranhá-los e organizá-los. Ah, como seria bom se essa tarefa fosse fácil, tanto quanto parece ser para o Sr. Rabuja. Na realidade, nós temos que ser nossos próprios catadores de pensamentos, localizá-los, analisá-los e, então, ver o quê e como fazer para que eles se tornem um perfume agradável de sentir. Às vezes não conseguimos cumprir nossa tarefa como catadores de pensamentos, e, no fim do dia, a cada dia, o perfume desses pensamentos juntos tornam-se desagradáveis. Sabe quando temos mais pensamentos de um tipo do que de outros? Por exemplo, quando estamos apaixonados cegamente a maioria dos pensamentos vêm coloridos, com as cores em amarelo (felicidade), laranja (pensamentos que aquecem o coração) e até mesmo vermelho (o amor), às vezes, quando estamos tristes, eles vêm em azul (tristeza), branco (desânimo) e preto (falta de esperança). É louco e pesado o trabalho do Sr. Rabuja. Quando abandonamos o catador de pensamentos dentro de nós, esses pensamentos não florescem, não criam perfume, não se desfazem ao amanhecer para nascerem de novo. O perfume fica igual, se torna familiar, mas é um familiar monótono e quando vamos reparar a rotina nos prende, lutamos para conseguir reviver o Sr. Rabuja dentro de nós, e é quando o arrependimento de ter descuidado dele vem. Não abandone o Sr. Rabuja que existe dentro de você. Às vezes você pode ter pensamentos que se destacam de

outros e, assim como o Sr. Rabuja tem os pensamentos preferidos dele, você também pode ter os seus. Ouça pensamentos diferentes, de pessoas diferentes, para ter pontos de vista diferentes. Localize seus pensamentos para não perdê-los, um deles pode ser um pensamento revolucionário. Invista em seus pensamentos até onde aguentar, mas não se esforce demais, eles vão vir quando você permitir e estimular. Não se preocupe com as “paranoias”, seu ponto de vista pode ajudar a localizar seus pensamentos verdadeiros do coração, entre aqueles enraizados. Mas uma coisa que você nunca deve fazer é ignorá-los. Estimule seus pensamentos e acredite, seus pensamentos podem fazer sua cabeça voar, mesmo que a consciência da realidade mostre que seu corpo ainda está no chão.

## Ana Débora Oliveira Alves

*EEEP Adolfo Ferreira de Sousa - Acarape, CE*

Certa vez me perguntaram o sentido de querer ser diferente, de não ser igual aos demais. Para mim parecia simples demais ser e fazer o que os outros gostariam de ver. Dessa forma, tive que aceitar críticas, lidar com o medo; mal sabia aquela garota que havia bem mais para conhecer.

Em um certo dia, me apresentaram histórias fantásticas, daquelas que abriram todo o meu imaginário. Naquele dia tive a certeza que não só podemos, como, na verdade, devemos querer fazer a diferença.

Quando encaramos de frente nossos medos, abrimos portas que pareciam não existir, e percebemos que somos nós mesmos os produtores do medo. A leitura abre a mente para novos caminhos, se Fernão nunca tivesse se arriscado, provavelmente não teria descoberto a infinidade de possibilidades.

Logo, uma menina pode descobrir infinitas maneiras de ver os problemas, de ver as situações. Sempre me disseram que devemos aceitar as coisas como elas são, até mesmo as que estão diante de nós; ficar calada quase sempre é a solução, mas por que não se arriscar? Haverá, sim, riscos, e nem todos concordarão com nossas ideias.

Por um instante, eu fiquei como Fernão, parada e aceitando que “lugar de gaivota é na praia”, e que deveria ser igual aos demais, e que assim deixaria todos felizes. Entretanto, apenas uma pessoa não estaria plenamente realizada, nem muito menos feliz. Nesse instante cogitei que talvez fosse a melhor decisão a ser tomada ficar no “bando”, assim não teria mais desalços e nenhuma possibilidade de fracasso.

A princípio parecia o melhor, até que com o tempo me sentia frustrada e duvidava: será que havia feito a escolha correta? Felizmente eu ainda



poderia mudá-la, e foi a partir desse momento que revelei minha essência. Queria implementar projetos, mostrar liderança e fazer o meu melhor, anual de contas, apesar das limitações que possuímos, ainda podemos explorar novos caminhos.

Fernão Capelo Gaivota me fez enfrentar meus medos, explorar novas curiosidades e fazer a diferença, independentemente de qualquer crítica ou medo, pois o bom é sermos nós mesmos. “[...] Deem-me uma oportunidade, deixem que eu lhes mostre o que descobri [...]”.

**Ismaela Iracema da Silva**

*CEEGP - Recife, PE*

### **Viajar é se pôr a caminho e ser Ulisses rumo a Ítaca**

As lembranças de diversas leituras permeiam todas as minhas experiências, desde que conheci os Círculos e me tornei uma leitora relexiva e “aprendedora”. Em cada aprendizado me sinto como Fernão, em cada viagem me sinto como Ulisses, em cada trajeto me vejo a caminho de Ítaca, e no fim de todos eles me coloco a escrever e registrar meus sentimentos, tanto para cultivar as flores dos meus pensamentos, como faz o Catador de Pensamentos, como para melhor sonhar em me tornar “leitura” um dia, como diz o poema “Ler, ler, ler”, de Miguel de Unamuno. Foi assim que aconteceu numa de minhas viagens à Europa, em 2015, que conto a seguir:

Lisboa, 01 de junho de 2015.

“Seja uma jornalista de faca açada!” Foi o que me disse hoje o Antônio Sousa, um simpático senhor que é dono – há 25 anos – do café-restaurante Martinho da Arcada, que fica na Praça do Comércio, em Lisboa (o mais antigo café da capital portuguesa, em funcionamento desde 1782, e o preferido do escritor Fernando Pessoa).

Eu estava só passando pela frente e fazendo uma foto, mas o senhor Antônio atravessou o meu clique e me chamou para entrar. Convidou-me a sentar na cadeira preferida de Fernando Pessoa e me contou de tantos brasileiros que conhece e que já recebeu no seu café: senadores, presidentes, o escritor Jorge Amado, a atriz Zezé Motta, entre tantos outros que ele se orgulha de citar os nomes e contar sobre suas passagens pela casa. Todos esses mencionados escreveram-lhe no livro de honra (como aque-

les livros de visitantes que ficam na entrada de museus) suas mensagens, recados e até marcas de beijos com batom, como fez Zezé Motta.

O senhor Antônio é um homem bom, gosta de conversar, de receber, se orgulha de seus visitantes. Exibe com prazer e amor cada cantinho da sua casa (o café). Mostrou-me detalhadamente cada fotografia, gravura e recorte que decoram as paredes do lugar, praticamente tudo sobre o mesmo tema: Fernando Pessoa, o visitante ilustre que dá fama e tema ao local.

Antônio fala do Brasil como um país que também já foi sua casa. Ele morou no Rio de Janeiro. Trabalhou, batalhou e acabou voltando para Lisboa com um filho pequeno e outro ainda na barriga da esposa. Entre os motivos para seu regresso, a violência e a insegurança.

Não tenho noção de quanto tempo passei ouvindo o senhor Antônio Sousa, mas não tenho dúvida do quanto saí do Martinho Café ouvindo melhor. A rua, as pessoas em volta da Praça do Comércio sentadas nos terraços dos cafés naquela tarde de sol forte, tudo parecia falar.

Saí do café pouco mais de 15h30, tinha pressa para ir correndo a Belém (bairro relativamente próximo para onde eu teria que pegar uma condução), mas fazer uma pausa para ouvir alguém que tem tanto o que dizer faz o tempo correr mais lentamente e assim ouvimos o mundo melhor.

O senhor Antônio me falou que eu escrevesse. Curioso isso, porque falei que sou jornalista, mas meu desejo (que não lhe contei) é de um dia ser escritora. E foi à escrita que ele me associou, sem titubear! Aconselhou uma, duas, três, quatro ou cinco vezes: Escreva! Para denunciar, para enquadrar, para mudar. “Tenha coragem de fazer a mudança no seu país!” - dizia ele, que falava do Brasil referindo-se à política e sobretudo à violência.

Talvez meu ideal hoje nem seja tão audacioso quanto sugeriu esse senhor (que ele não me escute, pois se decepcionaria), mas uma palavra sua

☒cou me martelando na cabeça: escreva. Talvez a “presença” de Fernando Pessoa nesses ares daqui me incline mais à observação do ambiente que à necessidade de luta política do meu país. Mas... que devo escrever, devo ouvir e devo conhecer mais coisas, disso hoje não tenho dúvida. Uma lição de viagem.

A história de Fernando Pessoa, tão presente no Café Martinho, me fez pensar ainda mais em escrever. Minha mensagem no “livro de visitantes” (que Antônio fez questão que eu também assinasse) foi um agradecimento e um desejo (como aqueles que a gente faz jogando uma moedinha numa fonte): tentar ter um milésimo da inspiração que um dia teve Fernando Pessoa, escrever textos que sejam lidos. Me encontro agora fazendo a mesma pergunta que Unamuno fez no poema que conheci no meu primeiro Círculos de Leitura: “Serei leitura amanhã também eu?”.

Saí de lá inundada de gratidão pela aparição do senhor Antônio no momento da foto despreziosa que eu fazia do nome da cafeteria escrito na fachada, foto que eu pretendia mostrar depois aos amigos do Brasil para falar sobre o lugar. Se ele não tivesse aparecido na porta no momento em que tirei a foto, eu não teria conhecido essa história que tanto precisava ouvir.

## Janio Edson Sales Silva

*EEEP Lysia Pimentel Gomes Sampaio Sales - Sobral, CE*

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta meu Fernão  
Essa é uma história filosófica  
que veio parar no sertão  
Uma gaivota contrariada  
pela sua própria nação  
Por não ser “Maria vai com as outras”  
Mas que vai com o coração  
Esse grande personagem  
deixou um ensinamento para essa geração  
Há mais na vida que comer, brigar ou ligar pra opinião  
Nossa finalidade em viver é buscar a perfeição  
É ultrapassar todos os limites nos ares deste céu  
É das dificuldades dessa vida nunca sermos réu  
É procurar nas páginas desse mundo o nosso papel  
Mas estar ciente que o caminho é longo e cruel  
O importante de tudo é não parar de voar  
Mas se suas asas cansarem, aprender a pousar  
Focar no seu objetivo e sempre traçar uma rota  
E sempre tenha a alma de um Fernão Capelo Gaivota.

**Agatha Sousa Almeida**

*EEEP Ícaro de Sousa Moreira - Fortaleza, CE*

Mais do que tempos verbais,  
sem o passado, a sustentação de nossas vidas  
    não seríamos nada  
Sem nossas experiências já antes vividas  
    É como um tesouro  
Que para ser bem guardado, precisa ser lembrado  
    O futuro, devemos esperá-lo  
    Não temos certeza do que nos aguarda  
Mas nele certamente iremos viver uma nova era  
    Então, sem pressa  
    Podemos viver o presente  
    Seja ele triste ou contente  
Continuamos a fazer memórias  
    Para poder contar histórias  
Vividas no hoje, que agora já é passado  
E, no futuro, que continua a ser esperado.  
    Mais do que tempos verbais  
    Eles compõem nossas vidas  
Pois, para o presente ser contente  
    O passado deve ser lembrado  
E para, no futuro, não vivermos em cima do muro  
    Ele não pode ser abandonado.

## Rafael Prudêncio Soares

*EE Helena Loureiro Rossi - São Paulo, SP*

Chuva de gente  
Um pingo caiu, ou subiu?  
No ar tantos iguais, mas diferentes  
Tem gosto salgado e doce,  
Amargo e azedo?  
Mas é chuva ardente  
Chuva que encurrala  
Lado bom? Mau?  
Me perguntaram o porquê de tantas  
E respondi: Chuva!  
Todas juntas no céu,  
Como se fosse um grande berçário  
Puras até o trajeto de sua queda  
E o preço de ser diferente?  
Como um cacto aórmio,  
É sufocante essa realidade!

## **Kayllane Mara Gomes do Nascimento**


*EEMTI Professora Carmosina Ferreira Gomes - Sobral, CE*

### **Eu, poeta**

Eu sou um poeta ridículo  
Mas o ridículo me faz ser um poeta  
Eu sou um poema imperfeito  
Que dor no peito, por amar aquilo que tenho feito.  
Sou um eterno amante da poesia  
Mendigo? Não sei, talvez um enigma entre as palavras  
Sou o belo e o feio  
Sou o errado e o certo  
Sou o perdão e o pecado  
Sou a morte e a vida.  
Eu, poeta sou a dor dos teus amores incertos  
Sei que tu choras amargamente a minha voz  
E meu olhar de encanto te prende no incolor do tempo  
Sou poeta errante, filho da poesia que encanta a sórdida maldição  
da tua mente.  
Eu sou um eterno aprendiz das palavras,  
Dos versos, da rima.  
Eu, poeta? Não sei.  
Simplesmente poeta da solidão.  
Agora luto contra o destino do amor de ilusão  
Risos me alegram ao enxergar teu rosto pintado de amor  
Esse amor que se esconde é a mais pura mentira  
Pois não se revela entre a poesia.



Sou poeta? Não, não sou poeta.  
Mas bem que queria ser para invadir teu coração e revelar teus segredos.  
Não, não sou poeta  
Sou apenas uma mão adormecida tentando escrever o que sou.

A brown, textured envelope is partially open, with a silver paperclip holding a small, rectangular, cream-colored piece of paper. The paper has handwritten text in a cursive script.

*O livro como um  
aprendizado do amor*

“Nos Círculos de Leitura é assim: lemos e aprendemos ouvindo e contando histórias”, sintetiza um dos participantes. Mas e quanto ao amor? É possível aprender algo sobre ele nos livros?

Os jovens nos dão pistas sobre o tema em seus textos. Eles sabem, ou intuem, que o amor verdadeiro não é uma conexão, é criar laços entre pessoas, “é estar disposto a construir uma relação de amor que leve-as ao crescimento”.

Estar disposto é a transformação do desejo em potência, o primeiro passo para pôr-se a caminho, em ação. É assim que “podemos correr atrás dos nossos sonhos e conquistarmos a liberdade para viver a vida da melhor forma possível”, ou seja, com amor.

Quem conquista a liberdade também percebe “que amar é deixar ir, dar liberdade e seguir”, pois o amor não é tirano e “não deve ser visto como uma prisão, mas sim como algo que permanece e vaga através de longas distâncias e longos anos. Ele não se acaba porque vive por meio de nós”.

Assim como é citado em um dos textos, “amar verdadeiramente é arte”.

## Catharine Shon Pereira

*Etec Juscelino Kubitschek de Oliveira - Diadema, SP*

o amor era real  
mas o que eu amava era ilusão  
um sentimento verdadeiro por aquilo que não existia  
abriu a porta para novo desespero entrar  
tomada pelo horror caí de joelhos  
perguntei aos céus qual caminho tomar

fugir era o convencional

mas o convencional nunca foi para mim  
e ultrajada pela rajada de incertezas  
ferido o ego que despontava ser feliz  
aos poucos recompus a mulher em mim

compreendi, por fim

a vida é tudo isso, e tudo aquilo  
tudo isso é beleza, é amor e carinho  
mas tudo aquilo é o que não compreendo  
é o que me desafia, me desampara

no fim das contas, a vida é apenas o que é

e eu

o que sou?

só sei que dado marcado não mais serei

## **Carla Cristina Sousa Araújo**

*EEEP Júlio França - Bela Cruz, CE*

Querida Brígida, lembra de mim?

Sou Elsie, vivíamos juntas até que você viajou anos atrás, me deixando cartas que ainda hoje guardo de recordação...

Muita coisa mudou em minha vida, hoje tenho um irmão, e não brinco mais com bonecas.

Te escrevo pois tenho enfrentado muitas mudanças, e meus sentimentos em relação a elas têm me consumido. Me pergunto se você também se sentiu assim quando teve de partir.

Sabe, sinto falta da garotinha que fui anos atrás. As coisas estão tão diferentes, o parque Steglitz não parece mais tão imenso, e agora consigo realmente ver as horas, não só o desenho dos ponteiros. Mas ainda que tudo tenha mudado, resolvi te escrever, porque eu me recuso a aceitar que minha infância está indo embora, que as pessoas não parecem mais tão grandes. Veja só que, de tantos partirem, aprendi a aceitar e até a ficar feliz por eles, e acho que isso também faz parte de crescer. Mas não foi somente para falar isso que resolvi te enviar essa carta. Na verdade queria te dizer que estou de mudança para uma nova cidade, longe de Berlim, talvez também seja esse o motivo para eu andar tão melodramática.

Você uma vez me disse que despedidas eram difíceis, mas que a vida deveria ser vivida. Bom, estou indo viver a minha, mas a saudade é inevitável. Cresci aqui, foi aqui que tive minha primeira perda, a perda de minha boneca, uma verdadeira parte da minha alma que me ajudou a entender que deveria deixar as pessoas irem, pois, às vezes, a felicidade delas não está aqui conosco. Todavia, jamais pensei que teria de enfrentar isso comigo mesma.

Eu sinto que preciso conhecer novos ares, novas pessoas e ter novas oportunidades, mas como fazer isso e abandonar o lugar em que cresci?

Você me falou que um dia eu também iria embora, que os sentimentos mudam e que aos poucos vamos aprendendo a lidar com eles, mas tenho medo de ir em frente e acabar dando de cara com um beco sem saída. Tenho medo de me perder no caminho e não ter mais como voltar para Berlim, não ter mais o conforto de casa para me apoiar.

Um velho amigo carteiro uma vez me disse que muitas bonecas desistiam de seus sonhos pelo medo, e acho que isso também acontece com as pessoas, mas não quero ser uma delas. Mesmo que as incertezas me acompanhem dia após dia, quero continuar seguindo firme, uma vez que você também seguiu.

Estou enterrando essa carta no parque Steglitz, e espero uma resposta. Mesmo sabendo que ela jamais irá chegar, essa espera será minha certeza de que um pedaço de mim sempre habitará Berlim, afinal, esse parque me marcou e eu necessito deixar uma marca para as futuras bonecas viajantes que passarem por minha cidade, que agora estou deixando, mas que nunca irei esquecer.

Hoje, nesse mesmo parque, se encerra um ciclo, como anos atrás também se encerrou, e isso não é algo ruim. Estou seguindo seus passos, Brígida, seguindo meus sonhos, e mesmo que não seja mais uma garotinha, serei uma viajante, e minha bagagem serão meus medos, pois preciso deles para me sentir viva. Irei encontrar minha felicidade e, um dia, em um futuro próximo, jogarei minha bagagem ao mar, para que possa ser livre, como você também foi.



Com carinho,  
*Elsie*

## **Leonardo Pereira Gama Morales**

*EE Prof. Amador dos Santos Fernandes - São Paulo, SP*

### **O pequeno príncipe é uma lição de vida**

Eu nunca fui tão chegado à leitura, mas sempre gostei muito de escrever. Sim, isso é muito contraditório, pois leitura e escrita andam lado a lado, mas nunca gostei de ler, sempre gostei mais de escrever.

Sabia que precisava criar uma relação com a leitura e foi aí que surgiu a oportunidade dos Círculos de Leitura, onde rapidamente aceitei entrar. Queria criar laços com a leitura, pois sei a importância que ela tem (habilidades de leitura, expansão do vocabulário, melhora na escrita e na fala).

No dia do primeiro encontro dos Círculos de Leitura foi apresentado a nós o livro “O pequeno príncipe”. No primeiro contato com o livro, olhando a capa e o título, imaginei que fosse um livro infantil feito apenas para crianças, mas ao começar a ler fui percebendo que eu estava errado, e que esse livro parecia muito diferente de todos que eu já tinha tentado ler, e nos mostrava a vida de outra forma (ainda não terminei de ler).

A história foi criada por Antoine de Saint-Exupéry e o livro fala sobre um jovem que não é compreendido por ninguém e sai do seu planeta em busca de novos mundos, buscando novas amizades e conhecimentos.

Ele vê que não é tão fácil quanto parece criar laços com alguém (uma realidade de muitos jovens), e aprendi que uma amizade se forma quando ambos os lados são cativados, quando se tornam únicos um para o outro.

E o que tirei disso foi: criar laços com alguém é estar disposto a construir uma relação de amor que leve-as ao crescimento.

Tenho uma situação que aconteceu comigo, uma situação que cativei e fui cativado, e consegui enxergar isso graças ao livro “O pequeno príncipe”.

Em 2019 conheci uma menina chamada Yasmin. Desde o dia que a conheci percebi que poderia aprender muito com ela e evoluir intelectualmente. Sempre a admirei muito, pois sempre a achei muito diferente de todas as outras, e hoje percebo que nesse momento fui cativado por ela. Criamos laços muito fortes, até que passou um tempo e o sentimento que sentíamos um pelo outro só foi crescendo, até que senti que isso era mais que amizade, era amor! Começamos a namorar e já faz 9 meses que estamos juntos! Evoluindo sempre, um ajudando o outro! E agora vejo que tudo isso aconteceu porque nos cativamos.

Quando falo que “criar laços é estar disposto a construir uma relação de amor” não é necessariamente apenas amor de namorados, mas de amigos, de pais, irmãos...

Sugiro que todos leiam essa história, pois é uma grande lição de vida.



**Maria de Fátima de Lima Gomes**

*EEM Celso Araújo - Cedro, CE*

### **Revivendo**

Nos Círculos de Leitura é assim  
lemos e aprendemos  
ouvindo e contando histórias  
despertamos para a leitura  
conhecendo a obra e sua trajetória.

Participando e comentando  
os textos que nos são apresentados  
embarcamos todos juntos  
em um mundo encantado.

Compreendemos que a leitura  
vem para nos surpreender  
e que no final nos faz  
crescer e desenvolver.

Lembro aqui o conto: “De muito procurar”

quem procura é porque acredita.

Espero sempre encontrar a solução  
e aprender algo novo em cada ocasião.

Esse ensinamento me fez despertar  
e perceber que esse é um valioso tesouro  
encontrar o que para muitos  
não se pode achar.

A leitura dessa obra me proporcionou  
um aprendizado supreendente

conhecer um texto que fala do amor  
foi uma experiência marcante.

Percebi na mensagem do texto  
que cada linha era uma emoção  
que me abriu a mente e o coração  
e me causou profunda satisfação.

Leitura que  $\text{z}$  com prazer  
navegando em seus versos cheios de amor  
através deles pude então compreender  
o quanto sua mensagem tem valor.

Não procurei a magia do amor  
mas acabei encontrando  
nas coisas simples da vida  
é importante seguir valorizando.

Foi conhecendo esse conto que aprendi  
que de muito procurar, devemos acreditar  
o inesperado está presente em algum lugar.

**Alana Oliveira Costa**

*EEM Governador Manoel de Castro Filho - Cedro, CE*

### **Aprendizados**

Um homem que muito procurava,

O que ele realmente queria

Mas ainda não sabia,

Nunca achava.

Andando pelas ruas

Ninguém o conhecia,

De cabeça baixa

Mente vazia.

Vagava pelas ruas sem companhia,

Analisando os mínimos detalhes que ninguém conseguia,

Em busca de algo

Que até então, não entendia.

Até que um belo dia alguém percebeu,

Que aquele homem tinha algo diferente,

Ele era profundo, detalhista e consciente,

Sutileza que ninguém sequer entendeu.

Saber quão profundo é um sentimento

Até mesmo o valor de um momento,

É raridade, e tem muita complexidade,

Proporcionando-nos, a vida, viver com intensidade

Basta você saber desfrutar desta realidade.

Aos poucos, aquele vazio foi se preenchendo,

E ele percebendo

Que era alguém que lhe faltava  
Para entender o sentimento.  
Mas sem a necessidade de ser infinito,  
Destinado a ser profundo e muito bonito,  
Com intuito de lhe trazer um aprendizado,  
Que tudo na vida é necessário!  
Ver a vida com outros olhos, é essencial,  
Nos conformar que nada é eterno, é crucial,  
Finalmente entender que a existência é composta por muitos ciclos,  
Que acontecem apenas para serem vividos.

## **Gercivania da Silva Sales**

*EEMTI José Nilton Salvino Franco - Canindé, CE*

### **A saudade voa**

Como sentir saudade  
Sem parecer egoísta?  
Como deixar partir  
Sem perder de vista?  
Guardar no coração  
ou em uma prisão?  
Eis a questão.

Às vezes me vejo pensando,  
relembrando e lembrando,  
as pessoas que partiram  
e que continuo amando.

Lembrando aqueles doces sorrisos,  
aqueles olhinhos brilhando,  
relembrando os bons momentos  
que juntos já passamos.

Mas, só lá no fim  
quando descobriremos  
que amar é deixar ir, dar liberdade e seguir.  
Todos temos o próprio caminho.

As pessoas que amamos  
são como pássaros  
que aprendem a voar  
e logo querem partir,  
É impossível evitar.

Seja amor ou amizade,  
temos um pássaro que deixou saudade.  
mas é preciso seguir o caminho  
e aceitá-la como consequência do destino.

Sabe aquele sentimento difícil de entender?  
Com a partida ele só irá crescer.  
Mas, como o tempo cura tudo,  
Logo a solidão irá desaparecer.

## **Kemily Fernandes Macedo de Araújo**

*EEEP Eusébio de Queiroz - Eusébio, CE*

A esplêndida obra “Kafka e a boneca viajante: encontros que transformam”, aborda a história de uma garotinha que perdeu sua preciosa boneca, e um escritor, Franz Kafka, que passa a assumir a função de carteiro de bonecas e entregar cartas, diariamente, de sua remetente perdida para a pequena dona.

O autor do livro utiliza de sentimentos como o amadurecimento infantil, a liberdade pessoal com uma certa curiosidade diante do desconhecido, e o amor ingênuo e puro de uma criança para levar o leitor em uma aventura reflexiva.

A reação de Kafka, ao utilizar uma abordagem pouco prática para os adultos quando se trata de crianças, desperta o interesse do leitor. Ele se preocupa com o bem-estar psicológico de Elsie, e usa sua criatividade para desempenhar um papel importante em uma fase de quebras de expectativas da infância, favorecendo para que a perda e a saudade da boneca possam se tornar um aprendizado mais tolerável. E foi exatamente isso o que aconteceu.

Ao escrever cartas de diversos lugares do mundo, sempre acompanhadas de entusiasmo e alegria, Brígida, a boneca perdida, expressa gratidão à sua dona por todos os anos de amor e ensinamentos. Segundo ela, sua liberdade é resultado de uma criação cultivada por felicidade e afeição. Graças a Elsie, Brígida pôde ser libertada e conhecer todas as maravilhas que o mundo tem a oferecer.

Esse pensamento nos leva à reflexão sobre o amor, pois ele não deve ser visto como uma prisão, mas sim como algo que permanece e vaga através de longas distâncias e longos anos. Ele não se acaba porque vive por meio

de nós.

Elsie, com seu coração puro de criança, viaja através das cartas e encontra nelas o conforto da despedida e a felicidade verdadeira pela vida de Brígida. Isso garante a ela um grande crescimento pessoal e serve de aprendizado para futuros relacionamentos. Anál, todas as pessoas que entram na nossa vida eventualmente acabam indo embora, mas os momentos ficam marcados e congelados na nossa memória.

Em síntese, todos nós tivemos que dar adeus a algo ou a alguém que nos marcou profundamente, e quando pensamos sobre isso vem a memória dos momentos bons ou tristes, das risadas ou lágrimas, dos abraços ou tapas, da saudade ou do alívio, e isso é o amor. É você sentir todas as emoções ao mesmo tempo. É com amor que podemos correr atrás dos nossos sonhos e conquistarmos a liberdade para viver a vida da melhor forma possível.



## Raiele Nascimento Moura

*EEEP Eusébio de Queiroz - Eusébio, CE*

Sócrates falou que amar verdadeiramente é arte.

Ser artista é uma boa lembrança  
antes de saber que dói em toda parte.

Agora, eu preciso cessar meu canto.

Igual Fernando Pessoa

Preciso me ouvir e me sentir

Preciso descobrir, em mim, o que ecoa.

Preciso encontrar de novo minha inocência

Que eu não havia percebido a necessidade

Pois, até então, parecia estar afundada.

Talvez eu precise de um Kafka

para cuidar de minhas incertezas.

Minhas inseguranças tão escondidas

Que hoje voltaram das profundezas.

Tudo por causa do amor.

Não estou sofrendo, estou amando.

Os sinônimos que não havia notado

As palavras que hoje eu encontro.

Estou esperando minha decadência,

mas ouvindo Cecília Meireles.


Estou pronta para morrer,  
Porém, não parar de escrever.

Escrever é meu motivo de viver.  
A cada palavra um suspiro,  
Um cansaço que me faz ascender  
Um lugar onde eu posso renascer.

Colocar uma dor em versos  
É deixar o amor disperso.  
Mover o lápis em minha mão

É como deixar meu sofrimento no caixão.



A brown, textured envelope is partially open, with a silver paperclip holding a small, rectangular, cream-colored piece of paper. The paper has handwritten text in a cursive script.

*O livro como os  
desdobramentos do destino*

“Oh, céus!” O que fazer nesse mundo perdido? Como caminhar nesse mar de escuridão? Como podemos sair de meros espectadores para sermos atuantes no mundo?

O mar pode ser escuro e o “barco da vida” frágil, mas viver é preciso e, aqui, diante dos textos dos jovens que escolheram falar sobre “a arte de ser quem se é”, também encontramos o reconhecimento de que “a grande beleza de crescer é sentir todas essas incertezas” que nossa caminhada nos reserva.

Nessa jornada a “esperança torna-se mais necessária que a realidade”, mas também é necessário que o “coração sonhador” desses jovens quebre muros e alcance o horizonte aberto de seus destinos.

Eles já percebem que não é o acaso que vai levá-los adiante em suas caminhadas, e que o “próximo capítulo é fundamental para que esse chão continue a ser construído”.

Por isso fazem-se perguntas que não são retóricas, são o ponto de partida para jornadas de “viajantes, corajosos e destemidos, lutando para vencer a timidez”, lidando com novidades, explorando com coragem territórios desconhecidos.

Abertos a essas experiências, compartilhando sensações despertadas pelas leituras nos Círculos, aprendendo a escutar histórias ancestrais, vão também aprendendo a singlar por mares revoltos, a escrever os próximos capítulos de suas histórias. Um dia, nutridos pela jornada e suas descobertas, talvez sejam eles mesmos o “refúgio do abismo de alguém”.

**Kayllany Xandú de Sousa**

*EEM Padre Luis Filgueiras - Nova Olinda, CE*

### **Carteiro dos Círculos de Leitura**

Como em um conto, dos mais incríveis e inesquecíveis, conto a vocês um relato com o qual irão se inspirar, o início de uma longa trajetória que nem eu seria capaz de imaginar.

No livro “Kafka e a boneca viajante”, a pequena Elsie, tomada pela tristeza da perda de sua boneca “Brígida”, não sabia o que fazer a não ser chorar, mas foi ajudada por Kafka, já que ninguém mais a enxergava. Em questão de minutos, lá estavam eles sentados naquele banco, onde o sol nem sequer se atreveria a tocar.

Vocês podem se perguntar: “E o que é que você tem a ver com isso?”

Tudo, tenho tudo a ver, pois “tudo” começou naquela tarde, quando o vento soprava, o sol brilhava e as nuvens pareciam brincar durante a formação de multiplicadores ali reunidos, todos viajantes, corajosos e destemidos, lutando para vencer a timidez e que, como em um passe de mágica, entraram em sincronia, juntos de uma só vez, e o relógio fez tic-tac, tic-tac ele fez.

Junto conosco, as horas voaram para o mundo da imaginação. Lá estava Kafka, que tentava de todo modo ajudar a menina à procura de Brígida, sua boneca perdida. Sua única saída foi inventar uma história: contou à menina que sua boneca não tinha se perdido, mas viajado.

Kafka, então, se transformou em um carteiro de bonecas, pois teve a brilhante ideia de dizer a Elsie que Brígida tinha deixado uma carta para ela, porém não foi o suficiente para a menina voltar a ficar contente, o que exigiu que ele se esforçasse e no dia seguinte outra carta levasse.

Eu estava no mundo da imaginação, encantada com todos aqueles poemas, cartas cheias de reflexão, e aquele sentimento de alegria que dominava meu coração.

No mundo da imaginação, horas, dias, e semanas se passaram, e todos os dias Kafka foi fiel ao compromisso que tinha. Dora, sua companheira, não sabia o que sentia, se era orgulho, desespero, ou agonia, pois Kafka nem mesmo dormir conseguia.

O último dia chegou e foi de tristeza e alegria, pois a última carta de Brígida para sua querida amiga veio acompanhada de um belo presente que marcaria o começo de sua nova vida.

E se eu contar uma coisinha? Também ganhei um presente que mudaria tudo aquilo que eu sentia. Ser multiplicadora é muito mais do que a leitura, é poder motivar vidas, apoiar almas feridas e entender o que me falam, é conseguir ser entendida, pois, nesta vida, se tem uma coisa que ilumina é a leitura.

**Evelin Dorea da Silva**

*EE Célia Ribeiro Landim - São Paulo, SP*

## **Meu chão despertado por um Círculo de Leitura**

Eu não me lembro exatamente quando essa jornada começou, mas sei que foi no ano de 2019, quando, após começar o ano letivo em uma escola nova, a professora passou nas salas perguntando quem gostaria de ser multiplicador dos Círculos de Leitura. Na hora me questionei. Como assim um círculo de leitura? (Imaginei que iríamos sentados e cada um lendo seu livro quietinho). Como sempre gostei de ler, aceitei de cara, sem saber que isso seria o primeiro passo para despertar e compor meu chão, que até então estava adormecido.

Eu já sabia, logo no primeiro dia, que os Círculos transformariam minha vida sob muitas perspectivas, pois em um único dia tivemos conversas muito profundas com pessoas que eu mal conhecia, e a cada encontro era uma nova descoberta, uma nova conexão, o que me fez ficar cada dia mais encantada.

Eu não sabia ainda qual nome dar para essa transformação, pois a cada Círculo, a cada nova discussão eu a renomeava. Só depois de ler “O Chão Adormecido no Baú dos Sonhos” eu senti que tinha achado o nome perfeito. Porque eu sentia que, a cada livro que eu lia, ia construindo um pedacinho do meu chão, e, conforme ia me cativando, sentia a necessidade de continuar.

Durante os encontros, eu ouvi várias vezes que os livros escondem tesouros. Concordo plenamente, e essa é a diferença entre os livros e os Círculos. Nos Círculos eles não se escondem, eles nos dão tesouros, diamantes, estrelas, planetas, galáxias inteiras de aprendizados, de pessoas



especiais, de conversas extraordinárias. E é isso que os torna lindos, tão lindos que faço minhas, e dedico aos Círculos, as palavras de William Shakespeare no Soneto XVIII, principalmente quando ele diz “Se te comparo a um dia de verão / És por certo o mais belo”.

Eu não sei por quanto tempo chamarei minha transformação assim, mas sei que não posso ter medo da mudança, porque mudança é sinal de amadurecimento e por mais que eu sinta que ainda tenho muito a aprender nesse lugar, o próximo capítulo é fundamental para que esse chão continue a ser construído sempre. Tenho desejo de um dia ser a engenheira que ajudou a pavimentar o refúgio do abismo de alguém.

**Cintia de Freitas Xavier**

*EEEP Ícaro de Sousa Moreira - Fortaleza, CE*

### **Uma criança (parcialmente) crescida**

Quando eu me dei conta de que minha infância estava ficando para trás e que um novo momento estava começando na minha vida, eu fiquei assustada, muito assustada. Eu quis me esconder e me encontrar, quis não ter tantos problemas, pois era uma grande mudança e eu não estava preparada pra ela, porque, poxa, eu amei ser criança, mas e se eu não amar ser adolescente? E se eu não amar crescer?

Mudanças me dão medo, medo de que eu não goste, medo de não ser bom, medo de nada ser como antes, e por isso eu me protegi, fiquei no fundo do meu quarto onde nada me atinge, coloquei uma máscara que diz “tudo bem”, mas que por dentro grita de medo.

Eu nunca pedi pra crescer, mas ainda assim eu cresci, as amizades ficaram complicadas, os pais também, e ainda tem aquele tal de amor, aquele que transborda e acaba com seu orgulho, e a minha primeira paixão foi... uma boa lembrança, mas não foi real. Pra mim foi, mas foi um tipo de amor que não se diz e que não tem igual, um amor não correspondido, mas tudo bem, dizem que isso é crescer, então eu tô bem.

E a primeira vez que eu mudei de escola? Foi horrível, eu não conhecia ninguém e não sabia que era tão difícil fazer amigos; ou então quando deu tudo errado na viagem do nono ano, e, para piorar, quando foi que todos começaram a ficar contra mim?

Quando foi que eles começaram a me pressionar tanto e falar sobre meu futuro e o quanto eu preciso estudar, que eu não vou ser ninguém porque eu sou indecisa, complicada, chata, além de sempre falarem das

minhas escolhas, do que eu gosto, das minhas roupas e o quanto elas não ficam bem. Mas tudo bem, porque eles não dizem por mal, não é verdade!? Não, não tá tudo bem.

Quando tudo começou a dar errado? Será que foi quando eu comecei a crescer? Ou foi quando eu esperneava com a vida para me deixar ser criança por mais um pouco? Não faço ideia, mas eu sei, pelo menos agora eu sei, que foi importante passar por essa fase da minha vida.

Crescer sempre foi meu maior pesadelo, e meu maior medo. Durante muito tempo eu não sabia o que fazer, eu achava tudo tão difícil e nada era como eu queria e eu tava tão preocupada e tão ansiosa com o futuro enquanto eu crescia que esqueci de ver todas as boas lembranças dessa época.

Ainda assim, enquanto chovia forte e eu tinha uma leve crise durante uma madrugada, me dei conta de que a grande beleza de crescer é sentir todas essas incertezas. Comecei, então, a me questionar: “E se eu puder conhecer um lado mais leve da minha adolescência quando eu me levantar desse quarto escuro e deixar de me esconder e de esconder todos os meus sentimentos?” Anál, para quem a vida é perfeita?

Acho que todos temos os mais diversos problemas, medos e anseios, temos diversas perguntas que talvez nunca tenham uma resposta, mas tudo bem, sabe por quê? Porque não tá sempre tudo bem, e de vez em quando, do outro lado das sombras, podemos ver um mar com as melhores lembranças.

Eu só percebi que tava vendo errado a adolescência quando eu me lembrei do quanto eu amo meus pais, de todas as vezes que me diverti com os meus amigos, das tardes e noites lendo, de todos os lugares que eu pude ir por ser adolescente e do quanto a minha adolescência me fez amadurecer. Lembro de todas as vezes que eu caí chorando e levantei

muito mais forte.

O dia em que eu criei coragem para enfrentar tudo de frente, e parei de me esconder atrás da capa da minha infância, que a cada dia ficava mais surrada e irreconhecível, sem brilho, assim como eu, finalmente pude dizer que eu não quero que eles me falem como crescer, eu só quero que eles me apoiem nas minhas decisões, porque eu tinha medo, mas agora eu sei que eu só não queria ter que deixar as minhas raízes livres para voar e não poder mais ser quem eu era, não ser incrível como fui na minha infância.

Crescer é um saco, mas foi, e é, com certeza, uma das melhores épocas da minha vida, e eu posso dizer isso porque já passei por muitas coisas, boas e ruins. Eu também percebi que mesmo crescendo eu não vou deixar de ser quem eu sempre fui, eu vou apenas ser uma criança grande com pensamentos ideológicos e mais maduros.

Com muita agonia, desespero, surto, amor e felicidade, a carta aberta de uma adolescente em crise.

## **Angelica Moreira de Souza**

*Programa Aquarela da Unilever - São Paulo, SP*

A dura realidade é a professora mais presente na vida das crianças que estão marginalizadas do sistema. A estas é negado o direito de serem crianças já em tenra idade. Não se trata de uma escolha, mas uma necessidade. Ou já assumem papéis e responsabilidades da casa e da rua ou não terão o que comer e onde dormir.

Os pais, em seu triste desânimo de conciliar, agir prontamente e se fazerem presentes, tornam o malabarismo do circo algo irrisório diante do malabarismo da vida. E vemos que a imaginação infantil, que ora desenhava no ar brinquedos e amigos imaginários, agora já não dá mais conta de preencher os espaços vazios da falta de atenção, carinho e afeto que veem nos colegas da mesma faixa etária e com vidas, aparentemente, mais estruturadas e “perfeitas” do que as suas. Crianças que aprenderam a ocupar os papéis dos pais tão cedo para conseguir criar os irmãos e irmãs na ausência dos adultos. A realidade, o contexto, o governo, as circunstâncias ou o destino quiseram que fosse assim.

No passado a guerra era essa mão do destino irrefreável que conduzia as crianças à maturidade antecipada, forçada. Na ausência do pai e do irmão mais velho os demais assumiam cada qual sua parte da responsabilidade e remavam em sintonia para que o barco da vida continuasse a flutuar, mesmo com os diversos furos e arranhões presentes ali, na carcaça.

A guerra agora está mais perto de nós. Está na realidade tomada pelas perdas de familiares, amigos, colegas e ídolos. A guerra, aquela invisível e onipresente, está em toda a parte, em todo o mundo, em qualquer lugar. A guerra invisível tem feito nossas crianças de Homero Macauley, o personagem principal em “A comédia humana”.

A pandemia causada pelo novo Coronavírus trouxe a maturidade mais cedo do que pensávamos para alguns, não apenas pela complexidade do tema, mas pela profundidade das perdas. E não são apenas as perdas de pessoas e entes queridos, mas a perda do afeto, do abraço apertado, do sorriso visível, das memórias do brincar ao ar livre com a família e em companhia de crianças que, quando estão juntas, gostam de ser e agir apenas como crianças.

Me reconheço nas experiências e preocupações de Macauley, pois aprendi desde cedo a ser adulta. E agora que sou, me sinto deslocada de minha geração. Estou alguns anos à frente de meus colegas da escola primária em maturidade, mas atrasada em outros na arte de ser quem se é, e somente isso.

Ainda assim, estar entre os adultos tem suas vantagens. A gente aprende tanto! A gente ganha uma nova visão sobre o mundo e sobre a vida, a gente fica mais curioso e atrevido, fica mais esperto e confiante. Querendo ou não, a gente atua para que outros mais novos não precisem atuar.

Nessa jornada não há outra opção, mas podemos escolher se queremos ir dormindo, ou sentados na janela admirando a paisagem.

**Laine da Silva Carvalho**

*EEM Jaime Laurindo - Barroquinha, CE*

### **Mundo Novo**

Oh, céus! o que faço de mim, neste mundo perdido?

Como caminhar neste mar de escuridão?

Já fui rendida e vejo uma luz no fim da maré.

Será que consigo chegar lá?

Ou demoraria infinitos pés?

Ah! que sonho horroroso, não consigo mais dormir.

Mas o pior é que já estou acordada,  
este mundo novo não me deixa seguir.

Esse ser que agora embalo, crio e cuido, enche-me de orgulho!

Só que por alguns momentos meu coração fica abalado e frio.

Um dia voltarei a minha infância?

Poderei brincar novamente?

Esta criança me abala,

Sou mãe, não posso abandoná-la, que angústia!

Vejo muitas rosas querendo me acolher,  
ajudar, mas coitada delas, seus espinhos  
não ajudam, estão a machucar e arranhar.

Que barulho em minha cabeça!

Mas, espera... É um sinal?

De quê? E por quê?

Creio que estou envelhecendo,  
com apenas dezesseis primaveras,  
E um futuro que parece se afastar,

Olho ao redor e vejo histórias,  
corações para abraçar e acalantar!  
Oh! recebo um abraço gostoso,  
Já estou a melhorar,  
Sinto minhas raízes brotar.  
E o sorriso da fruta tem o seu sabor,  
Vontade de cantar,  
Vontade de gritar ao mundo,  
mostrar quem me tornei  
e poder sentir o cheiro da vitória que é possível conquistar!  
Estes versos parecem não ter sentido,  
Mas o amor é assim, passa despercebido.  
Ei, você que me lê,  
viaje um pouco nestes versos  
Sinta o seu cansaço,  
Olhe em volta, o que todo mundo vê,  
Respire fundo, até tocar os pulmões,  
Seus amigos vão entender,  
Pois são turbilhões de emoções,  
Escrevo com as mãos,  
Mas quem me guia  
É o meu coração sonhador!



## Ítalo Oliveira Lima

*EEEP Maria Cavalcante Costa - Quixadá, CE*

A primeira vez que desejei ler um livro foi a primeira vez que li “O Pequeno Príncipe”. Eu tinha seis anos, estava na biblioteca da minha primeira escola depois da aula, esperando a minha mãe vir me buscar.

Diante daquela imensidão de livros, que na época pareciam bem maiores do que são hoje, não havia nenhum que efetivamente me deixasse interessado. Estava em processo de alfabetização e frustrado por ainda não ter aprendido a ler com clareza ou exatidão. Foi quando, de repente, decidi, para passar o tempo, olhar as capas dos livros mais grossos.

Vi um livro sobre dragões na base de uma pilha de doações, puxei-o e a pilha desmoronou. Foi aí que vi um livro de capa branca, não muito grosso, com um menino loiro de vestes verdes. Chamou minha atenção no primeiro bater de olhos. Era ele, “O Pequeno Príncipe”.

Tentei ler as primeiras páginas, sem muito êxito, então fiquei somente vendo as ilustrações, mas logo minha mãe chegou. Arrumei a pilha que havia derrubado e escondi o livro que tinha me encantado, pois a biblioteca já havia saído para o almoço e eu não poderia levá-lo para casa, mas também não queria correr o risco de que alguém do turno da tarde o pegasse emprestado antes de mim.

No outro dia fui à biblioteca e o aluguei. Levei-o para a sala e pedi para minha professora, tia Viviane, que me ajudasse a ler. Assim li minhas primeiras palavras.

Já no ensino médio, no segundo bimestre do meu primeiro ano - 9 anos depois - tive meu segundo contato com “O Pequeno Príncipe”. Desbloqueei uma memória particular da minha primeira leitura nesse dia, pois minha turma foi sorteada para ler a obra e interpretá-la. Eu fui

escolhido para atuar como Pequeno Príncipe. Uma das minhas melhores amigas, Gabrielle, seria a raposa - o que fazia sentido, pois a acepção de amizade no livro era bem o retrato da realidade do que eu e Gabi temos, a raposa e o príncipe do mundo real.

Depois de dias entusiasmado com a leitura na turma, que dessa vez fiz sem ajuda, mas ainda sendo o mesmo menino atrapalhado que havia, por acaso, encontrado o livro, encenei a apresentação do final do bimestre.

A verdade é que eu nunca dei crédito ao contato como acaso. Acredito, hoje já com maturidade, que eu e o Pequeno Príncipe sempre tivemos nossas histórias estreitamente entrelaçadas pelo destino.

É como se, em analogia, eu estivesse perdido naquela biblioteca, tal qual o Pequeno Príncipe, planeta após planeta, até que chegasse ao deserto. Ambos (eu e ele) em busca do mesmo objeto de desejo: o sentido da maturidade. Eu, claramente, não seria quem sou hoje sem que tivesse derrubado aquela pilha de livros aos seis anos de idade ou sem que tivesse lido-o novamente nos Círculos de Leitura. E agradeço por isso, pois gosto de ver o mundo com inocência. Por mais de uma vez, é o que muitas vezes nos salva.

## Lucas Ribeiro de Paulo

*EEEP Antônio Tarcísio Aragão - Ipu, CE*

Qual o segredo para interpretar com a imaginação? Como interagir com o mundo ao mesmo tempo que queira ser só um mero espectador? A empatia... Identificar-se com aquilo que consome, seja um livro, um filme ou uma situação cotidiana.

Por que Kafka pararia sua rotina para ajudar uma simples criança chorando em um parque, como lemos em “Kafka e a boneca viajante”? Análise ele não tinha filhos, logo não teria como se identificar com aquela situação utilizando de suas próprias experiências. Mas foi aí que a dúvida entrou em seu ser para criar o ambiente perfeito para que ele saísse de mero espectador para personagem dessa história.

Ao ser questionado por si mesmo sobre os motivos desse choro, Kafka observou nos olhos da pequena Elsie a sinceridade de sua tristeza, e seja lá qual fosse o motivo, ele via a total entrega de Elsie diante de sua tristeza. Ela chorava de modo totalmente inocente e sincero, sem máscaras ou segundas intenções.

Talvez esse tenha sido o motivo de Kafka ter ido falar com a menina, de ter tentado aliviar suas dores e de ter sacrificado seu precioso tempo escrevendo cartas como se fosse uma boneca, algo que aos olhos de alguns adultos poderia parecer mera perda de tempo.

Sabe... talvez seja por isso que Jesus Cristo orientou seus discípulos que, ao chegarem ao reino do céu, eles seriam recebidos como se fossem crianças; porque vemos nas crianças a total pureza de expressão, elas realmente se importam e fazem total entrega de seus sentimentos.

Então, mesmo não tendo experiências parecidas, Kafka conseguiu criar empatia pela situação. As perguntas em sua mente fizeram-no retirar so-

bre aquilo que observava e, após uma análise mais profunda e filosófica, arriscar-se a participar, a deixar sua marca nessa história.

Que interessante, não acha? O modo como Kafka agiu funciona como nos Círculos de Leitura, onde lemos obras de diversos autores, observamos suas ideias, analisamos suas opiniões e tudo aquilo que eles nos apresentam através das palavras, para que no final arrisquemos expor nossas reflexões a respeito daquela obra, deixando nossa marca nessa história. Aqui está a essência de tudo isso, a resposta para as dúvidas existentes no começo deste texto: analisar, se identificar, arriscar e compartilhar.

**Carla Amanda Barbosa de Oliveira**

*EEM Dr. César Cals de Oliveira Filho - Quixadá, CE*

**Início de verão**

Europa do Norte, Alemanha, Berlim.

Casais espalhados pelo parque Stiglitz.

Havia aqueles modestos, carinhos discretos e mãos cruzadas,  
algumas eram mãos vetustas, que contavam longas histórias de vida.

Ouviam-se melodias de casais precoces,  
e ainda olhares insinuantes dos solteiros.  
Tempo agradável, doce, o clima de verão.

Era o silêncio, par da calmaria.

Atento meus ouvidos para os sons,

os pássaros,

o caminhar,

os beijos,

o choro, sim, o choro,

um clamor de apreensão.

Choro de amargura e aflição,

a pequena garota deixava cair de seu rosto  
lágrimas avulsas que lhe dificultavam a visão.

Sozinha, parada, parecia trazer em seu rosto  
toda a dor e angústia designada para o mundo.

A doce menina trazia consigo

a beleza da primavera, embora suas feições  
fossem de um plangente teor formidoloso.

Ainda assim, seu pranto me deixava tomado pelo desespero.

Filhos, bens que nunca possuí,  
sinto apenas apoderar-me da voz da inexperiência.  
Ainda me olhando,  
íris rútila, como um lago transbordante,  
me fez enxergar sua dor nos abismos de seus olhos.  
Senti o coração se comover ao pranto da menina.  
Aparência jovem e ingênua, fez balançar o psicológico alheio.  
A dor infantil é poderosa, pensei.  
Não se achava perdida,  
sequer machucada,  
embora ainda demonstrasse dor.  
“Minha boneca”  
A garota entoou,  
descobrimo agora,  
a raiz do problema.  
Não ela, mas sua boneca,  
a boneca estava perdida.  
Era assim que imaginava a pequenina.  
Cogitei rápido uma solução,  
como historiador, faria eu,  
o que exerço de melhor.  
“Ela viajou”, disse-lhe com convicção.  
Criei um destino conveniente,  
precisava de um enredo,  
um acaso,  
uma vida,  
um personagem que não me pertencia,  
que sequer conhecia a face.

Consequentemente, admirei seus olhos,  
antes, olhos d'água, que agora  
me olhavam com incredulidade.

Um branco admirável  
como a neve,  
era sua ingenuidade.

Considerarei em certos casos  
que a esperança  
torna-se mais necessária que a realidade.

Acreditar, ela precisava acreditar.

A viagem,  
o motivo,  
quando e para quê,  
virou uma necessidade saber.

Estávamos em um grande triângulo.

Eu,  
a menina,  
a boneca.

Um mundo de histórias,  
uma vida simples de pureza  
e um futuro incerto.

Ainda na fantasia,  
contei à menina sobre uma carta,  
a boneca e sua viagem era o conteúdo.

Uma façanha elaborada,  
encontro marcado,  
a entregaria no dia seguinte.

Em um toque suave, como baila uma borboleta,

beijou-me o rosto, em breve despedida,  
então aquela que me apresentou com a graça  
de seu nome, forte e singelo, partiu.

Elsie partiu.


Fiquei nervoso,  
de tantas escritas, uma carta,  
apenas uma insólita carta,  
era isso que eu precisava fazer,  
eu estava nervoso, poxa, como estava.

Não era apenas mais uma história,  
mais um enredo de emoções pensadas,  
poesias cativantes e apaixonadas.

De fato, uma missão,  
daquelas que sempre precisam de um plano B,  
um plano C,  
e todo o alfabeto existente.







*O livro como conselheiro:  
a responsabilidade com o  
saber ancestral*

Ao entrar em contato com a influência anônima e ancestral, nos sentimos responsáveis por compartilhar com a humanidade a infinidade de conselhos que essas obras nos oferecem. Esses conselhos são uma dádiva que se transforma em um compromisso com a vida.

Rainer Maria Rilke, em “Cartas a um jovem poeta”, torna-se uma referência de autor que aconselha de forma explícita. Ele e Kappus, seu interlocutor, nos convidam a ser íntimos das grandes obras e a nos apropriarmos dos conselhos que elas transmitem para que sejamos, então, capazes de compartilhá-los com quaisquer pessoas que se conectem a nós.

É por meio dessas grandes obras que “nos conectamos ao coletivo, às heranças ancestrais, essa influência anônima que nos potencializa e nos torna inteiros, prontos para viver a beleza da dor e refazer a solidão, transformando-a na ‘grande solidão’ que edifica, ensina e conecta às grandes respostas conquistadas pelos que viveram antes de nós”.

“Nesta solidão, adentramos no mais íntimo de nós mesmos e encontramos as “influências anônimas” que correm em nossas veias. No diálogo com a nossa herança ancestral, começamos a gestar a trama do nosso próprio destino (que é composta até pelos menores acontecimentos) e damos continuidade ao que tantos outros já criaram, transformando e renovando o que começou a ser gestado tempos atrás.

Imersos nessa Grande Solidão, aprendemos a estar profundamente com o outro, porque ao compreender o nosso propósito nos sentimos mais confiantes para estar no mundo e perdemos o medo de amar, pois conhecemos o amor do fazer com sentido.”

É assim, segundo as palavras dos próprios jovens, que acontecerá a “renovação do mundo”: a partir do encontro desses indivíduos que tiveram a coragem e a paciência para encontrar a herança ancestral presente em cada um de nós, dos que voltam-se “para si atrás das perguntas que dão

propósito a sua existência, sabendo que as respostas serão alcançadas no mundo”; pessoas que entram “em contato com a ancestralidade que pulsa em nós, que alimenta o corpo e a alma, [e dão] continuidade à obra que nossos ancestrais iniciaram”.

Uma forma de efetivar essa continuidade é compartilhar. E “compartilhar conhecimento é uma das formas mais belas de amar”, nos dizem esses jovens que creem no futuro porque reconhecem neles essa ancestralidade. Jovens que se comprometem com o mundo, confiam na força da arte e em sua herança, acreditam no amor, na vida.

## **Ana Clara Alves da Silva Benjamin**

*EE Condessa Filomena Matarazzo - São Paulo, SP*

Bom, fazer um texto é bem difícil e provavelmente doloroso, pelo fato da expressão e do sentimento de querer dar o seu melhor.

Não tenho muitas coisas para dizer, mas neste dia chamado hoje, eu me senti muito íntima de uma grande obra de Rainer Maria Rilke.

Paro e penso, por que eu não comecei a ler essas cartas antes? Especificando, a obra é “Cartas a um jovem poeta”.

Acho bonita a forma como Rilke vê a vida e instrui Kappus, citando as obras da natureza e usando algumas como referência.

Me sinto leve ao ler e quero sempre me aprofundar e sentir isso em cada livro que passar pelas minhas mãos.

## **Moises Valério Caetano**

*Projeto Aquarela da Unilever - São Paulo, SP*

Tenho muitas lembranças do livro no qual estou morando atualmente, “Cartas a um Jovem Poeta”. De todos os aprendizados que trouxe, enxergar a poesia nos pequenos acontecimentos do cotidiano foi o mais transformador. Me fez poeta da vida!

O livro conta a história de Kappus, um jovem aspirante a poeta que pede conselhos sobre suas poesias a um escritor que admira, Rilke. Com um apurado senso de responsabilidade, que gosto de chamar de amor para com o outro, Rilke se compromete a aconselhá-lo e os dois constroem uma linda relação através das cartas que originaram o livro após a morte de Rilke.

São seus conselhos que nos ensinam sobre os diferentes tempos, dentre eles o de perguntas. Fui levado a uma profunda reflexão acerca das respostas que buscamos e que carecem, muitas vezes, do tempo certo, das palavras certas ou, segundo Rilke, de quando é tempo das perguntas.

A vida é pergunta. Rilke nos ensina a importância de questionarmos, principalmente, as respostas prontas, o que está posto. É! Existem também as grandes respostas que estão dentro de cada ser. É preciso descortinarmos as influências externas, a crítica e mergulharmos fundo, dentro de nós, para encontrarmos as respostas.

Perguntas geram expectativas de respostas que almejamos que sejam claras e objetivas, o que nem sempre ocorre, mas ainda que as respostas não venham das pessoas ou da forma desejada, a vida toma as perguntas para si e assume o compromisso de nos respondê-las. A vida sempre tem razão, e também todas as respostas. Penso que viver seja uma grande e complexa pergunta que fazemos para a vida e, quando perguntada com

verdade, estamos no caminho das respostas, que sempre chegam a seu tempo.

Para além de conselhos sobre como escrever, Rilke nos convida a repensar e entender nosso próprio papel, nosso propósito, o divino que mora em nós e nos torna o que ele chama de “suficientemente poetas”, aqueles capazes de encontrar inspiração nos pequenos acontecimentos do dia a dia que se entrelaçam com outras linhas, formando a trama do grande tecido da vida. Ou seja, lançar para a vida um olhar de quem guarda amor em si e enxergar o que não tínhamos olhos para ver.

Seus conselhos são para escrevermos cada linha de nossas vidas e gestarmos nossos próprios destinos. Rilke nos remete à medicina, ao remédio, à cura e à doença, a depender da forma como é administrado. O mesmo se aplica aos sentimentos, ruins ou bons, mas é preciso vivê-los integralmente. Para tanto, Rilke nos trouxe o conceito do grande, que é subjetivo, sem volume ou massa, algo grande por excelência, por ser nobre.

O homem, tão pequeno perante a grandeza da vida, tem em si essa grandiosidade. Quando acessado o grande, que é íntimo, nos conectamos ao coletivo, às heranças ancestrais, essa influência anônima que nos potencializa e nos torna inteiros, prontos para viver a beleza da dor e refazer a solidão, transformando-a na “grande solidão” que edifica, ensina e conecta às grandes respostas conquistadas pelos que viveram antes de nós.

A tristeza evolui para a grande tristeza, que fortalece, traz bagagem e, quando insuportável, pode ser compartilhada com alguém que nos ame, pelo menos até a hora de recobrá-la, pois a missão de elaborá-la e o crescimento adquirido com ela é individual. Os processos são difíceis, mas Rilke ensina a nos aferrarmos ao difícil, pois o difícil plenamente vivido e superado se transforma em crescimento. A vida sempre tem razão,

conçamos!

Aprendi muito com Rilke, mas noto que Kappus também nos ensina com sua atitude grandiosa de compartilhar com a humanidade algo tão íntimo, que poderia ser considerado pessoal, porém, agora suficientemente poeta, o jovem entendeu que os conselhos, ainda que dirigidos a ele, não eram seus, eram da humanidade e as cartas precisavam cumprir seu propósito. Ele precisava compartilhá-las.

Me identifiquei com Kappus. Todos nós vivemos um tempo de inseguranças, de incertezas acerca do futuro, de escolha da profissão, e isso é parte da vida. Em que momento estamos prontos?

Que bom que temos ancestrais, os mais velhos e os mais experientes para nos aconselhar. Ao contrário do que se diz, conselhos são bons, sim! E que bom que são de graça! Não devemos nos restringir a aprender apenas com aqueles dados a nós, pois podemos nos apropriar dos grandes conselhos, os dados a outras pessoas, os que estão presentes nos livros, nas obras de arte.

Tão importante quanto saber receber é compartilhar, pois o conselho é uma dádiva que se transforma em uma dívida com o bem, e assim o fiz: me apropriei dos conselhos de Rilke e os compartilhei com as pessoas próximas e amigos distantes, que ainda nem conheço, mas conhecerei através deste texto.

Uma vez poeta, o cotidiano mais simples se transforma a cada olhar lançado, promovendo em nós uma transformação.

O livro se renova, algo novo se apresenta a cada leitura, reforçando a ideia de que tudo está sendo constantemente gestado no movimento da vida.

Lembrei da minha infância, dos passeios de bicicleta, quando o equilíbrio se construía com o pedalar. Rilke fala sobre equilíbrio, harmonia en-



tre interno e externo, o que é gestado dentro e floresce fora ou é acessado fora e trabalhado dentro.

A compreensão da ideia de gestação é algo forte. É a vida acercando-se da possibilidade de gestar-se, de reinventar-se e refazer-se.

Meu escrito ilustra a ideia de organicidade, mas escrevo com a certeza de que ele será incompleto, pois o livro ainda tem muito o que me contar.

O livro é sobre a poesia da vida, a mais difícil de se escrever, porém a mais rica de inspiração. Para Rilke, assim como neste texto, tudo o que é verdadeiro nasce por uma necessidade e possui autonomia, independência. Os poetas, com suas palavras, traduzem a vida.

Inspirado por Rilke, sinto-me pronto para dar conselhos, os meus e aqueles dos quais me apropriei. Dentre eles, o mais importante é: volte-se para dentro de si, encontre seus propósitos, geste sua vida, teça seu destino sem medo de errar e confie na vida. Ela sempre tem razão.

## **Débora Nascimento**

*E.E. Reverendo Tércio Moraes Pereira - São Paulo, SP*

O livro “Cartas a um jovem poeta”, do autor Rainer Maria Rilke, nos leva a percorrer uma jornada interna até o encontro com as nossas influências ancestrais. Essa troca de cartas com o poeta Kappus não nos oferece conselhos apenas em relação ao ser artista ou escritor, mas nos mostra o caminho para o viver criativo no mundo, o viver além das convenções, longe do puro desejo do outro, da sociedade ou da família, para, assim, chegar a ser um indivíduo que pode se relacionar com o outro genuinamente, enxergando-o como um ser humano, que vai dos preconceitos.

Desde o início da juventude, sentimos uma necessidade de nos encaixar. Na escola queremos encontrar pessoas parecidas, que nos compreendam, ou desejamos apenas fazer parte de um grupo qualquer, certamente porque temos medo da solidão e queremos fugir dela a todo custo.

Fora dos muros da escola, esta realidade se amplia e se intensifica; por medo de ficarmos sozinhos, nos relacionamos de forma rasa e nos sujeitamos às mais indignas conexões: com as pessoas, com o trabalho, com a própria vida, tudo fica preso à superficialidade. Talvez seja por esta razão que o conselho que mais se repete nas correspondências de Rilke é o de viver a “grande solidão”.

Ao falar da solidão, porém, o autor não descarta a importância das pessoas para o nosso crescimento, mas nos alerta que, por falta de autocohecimento e pelo medo de estarmos sós, entramos em relacionamentos vazios, em que esperamos que tudo venha do outro, inclusive a felicidade.

No decorrer das cartas, percebemos que Rilke não nos propõe uma solidão qualquer. Nesta solidão podemos estar acompanhados dos livros, neles: “não há nada que não tenha sido entendido, apreendido, experi-

mentado e reconhecido nas ressonâncias vibrantes da lembrança”.

Como poderíamos estar sozinhos se, mergulhados nesses grandes livros, entramos em contato e nos sentimos próximos da nossa herança universal? Ao morar nessas obras e cultivar por elas um amor profundo, vamos nos (re)conhecendo, nos reconectando com uma parte de nós mesmos que ainda nos era estranha e que por muito tempo ficou adormecida.

Como nos diz Rilke: “Viva por algum tempo nesses livros, aprenda com eles o que lhe parecer digno de aprendizado, mas sobretudo os ame. Esse amor lhe será retribuído milhares e milhares de vezes, de modo que, seja qual for o rumo tomado pela sua vida, tenho certeza de que ele percorrerá o tecido de seu ser como um dos fios mais importantes entre todos os fios que compõem a trama de suas experiências, decepções e alegrias.”

Nesta solidão, adentramos no mais íntimo de nós mesmos e encontramos as “influências anônimas” que correm em nossas veias. No diálogo com a nossa herança ancestral, começamos a gestar a trama do nosso próprio destino (que é composta até pelos menores acontecimentos) e damos continuidade ao que tantos outros já criaram, transformando e renovando o que começou a ser gestado tempos atrás.

Imersos nessa solidão, aprendemos a estar profundamente com o outro, porque ao compreender o nosso propósito nos sentimos mais confiantes para estar no mundo e perdemos o medo de amar, pois conhecemos o amor do fazer com sentido.

A “renovação do mundo” acontecerá no encontro desses indivíduos que tiveram coragem de mergulhar profundamente dentro de si para se comprometer com o mundo.

## **Catharine Shon Pereira**

*Etec Juscelino Kubitschek de Oliveira - Diadema, SP*

Caro Rilke

Gostaria, primeiramente, de te agradecer pelo imenso tesouro que deixou para nós. As cartas que escreveu para o jovem poeta Kappus alcançaram um propósito muito maior do que alguns conselhos sobre como ser um artista e escrever poesia. Me pergunto por quanto tempo essas ideias foram gestadas em ti para que pudessem vir ao mundo através desses escritos, e se você imaginava a grandeza que sua obra tomaria quando começou a escrever ao jovem Kappus.

Convém, também, agradecer a Kappus, que soube reconhecer o valor que essas cartas possuem para a humanidade, e que ao compartilhar com todos essa obra, realizou um ato de amor. Pois, como bem sabemos, compartilhar conhecimento é uma das formas mais belas de amar.

Na verdade, hoje escrevo para falar sobre a “grande solidão”. Recordo-me com clareza das primeiras vezes que li suas cartas nos Círculos, em nossos encontros virtuais às terças-feiras, e naquele momento me custou a entender qual era essa solidão a que você se referia.

Sempre tive para mim que não deveria me refugiar na solidão, pois a vida se dá lá fora, entre as pessoas, e eu, uma jovem como tantos outros, tenho medo de ficar sozinha. Medo de viver sozinha. Mas hoje compreendo, não é de isolamento que você fala, mas de um estar em si mesmo. É voltar-se para si, atrás das perguntas que dão propósito a sua existência, sabendo que as respostas serão alcançadas no mundo. É entrar em contato com a ancestralidade que pulsa em nós, que alimenta o corpo e a alma, e dar continuidade à obra que estes mesmos ancestrais iniciaram. A “grande

solidão” é um mergulho em si próprio, em busca da essência do Eu.

Mas como você mesmo nos diz, ela não é fácil de se suportar. Pergunto a mim mesma se terei coragem e resiliência para um dia alcançar essa “grande solidão”, pois o mais fácil, às vezes, é muito convidativo. Ainda assim, não se preocupe, pois bem sei que “Se orientarmos a nossa vida segundo aquele princípio que nos aconselha a nos aferrarmos sempre ao que é difícil, o que agora nos parece ser muito estranho se tornará o que há de mais familiar e confortável”.

Prometo que farei meu máximo para ter paciência, darei tempo ao tempo, e deixarei que aquilo que é difícil e estranho em um primeiro momento faça, aos poucos, morada em mim.

Há tantas outras coisas que gostaria de trazer, mas que não cabem nesta carta, pois o conteúdo de sua obra me parece infinito, e não importa o quanto nos debruçemos sobre ele, não se esgotará.

Termino minha carta com suas próprias palavras, às quais me aferro como um mantra.

“Deixe a vida acontecer. Acredite em mim: a vida tem razão, em todos os casos”.

Acreditarei na vida, no mundo, e em você, meu caro Rilke.



Com amor,  
*Catharine*

## **Agradecimentos**

Agradecemos a todos os alunos, ex-alunos, professores, parceiros e amigos dos Círculos de Leitura que contribuíram para a realização deste concurso.

Nosso agradecimento especial à nossa banca avaliadora composta de professores e voluntários do Programa Círculos de Leitura!

Este livro é resultado de um maravilhoso trabalho em conjunto.

**Rita Depiere**

**Crélis Machado**

**Denise Santos**

**Fernando Magalhães**

**Simone Pereira**

**Ana Maria**

**Francisco Helton**

**Lilian Maria**

**Maria Suely**

**Arusha Kelly**

**Ana Paula**

**Danilo Freitas**

**Flávia Nicaele**

**Mirna Colazingari**

**Nícia Lira**

## **Escolas que participaram do Concurso “Lembranças da Leitura 2021**

EEEP José Ribeiro Damasceno  
EEEP Balbina Viana Arrais.  
EEM Celso Araújo  
EEM Governador Manoel de Castro Filho  
EEM Maria José Coutinho  
EEEP Maria Cavalcante Costa  
EEM Maria Stela Rocha Aguiar  
EEM Jaime Laurindo  
EE Deputado Manoel de Nóbrega  
EE Helena Loureiro Rossi  
EEMTI Professora Carmosina Ferreira Gomes  
Etec Juscelino Kubitschek de Oliveira  
EE Prof. Amador dos Santos Fernandes  
Etec Juscelino Kubitschek de Oliveira  
Etec Dr<sup>a</sup> Maria Augusta Saraiva  
EEMTI Professora Maria Afonsina Diniz Macedo  
EE Deputado Manoel de Nóbrega  
EEEP Professor Walquer Cavalcante Maia  
EEEP Balbina Viana Arrais  
EEEP Gerardo José Dias de Loiola  
EEEP Venceslau Vieira Batista  
E.E.M César Cals de Quixadá  
EEEP Júlio França  
EEMTI José Nilton Salvino Franco  
EEMTI Valdo de Vasconcelos Rios  
EEEP Eusébio de Queiroz

EEEP Júlio França  
EEEP Lysia Pimentel Gomes Sampaio Sales  
EEM Jaime Laurindo  
EE Brasília Machado  
EE Condessa Filomena Matarazzo  
EEEP Adolfo Ferreira de Sousa  
EEEP Maria Célia Pinheiro Falcão  
EEM Professora Maria Edilce Dias Fernandes  
EEEP Ícaro de Sousa Moreira  
EEM Padre Luis Filgueiras  
EEM Professora Maria Edilce Dias Fernandes  
EEEP Antônio Tarcísio Aragão  
EE Célia Ribeiro Landim  
EEEP Eusébio de Queiroz  
EEEP Maria Cavalcante Costa  
EEEP Antônio Rodrigues de Oliveira  
E.E. Reverendo Tércio Moraes Pereira  
E.E. Joaquim Adolfo Araujo  
Etec Irmã Agostina  
Escola Nail  
EE Professora Maria Aparecida de Castro Masiero  
EEEP Gerardo José Dias de Loiola  
Projeto Aquarela Unilever  
CEEGP



## Lista das obras que inspiraram os jovens

Fernão Capelo Gaivota - Richard Bach  
O pequeno príncipe - Antoine de Saint Exupéry  
O caminho de Homero - William Saroyan  
O chão adormecido no baú de sonhos - Eliane Accioly Fonseca  
O Catador de Pensamentos - Monika Feth  
Kafka e a boneca viajante - Jordi Sierra i Fabra  
Noites Brancas - Fiódor Dostoiévski  
Perdoando Deus - Clarice Lispector  
O Jarro de Prata - Truman Capote  
O velho e o mar - Ernest Hemingway  
Cartas a um jovem poeta - Rainer Maria Rilke  
Ouvir Estrelas (poema) - Olavo Bilac  
Carta a um eterno poeta - Catalina Pagés  
Estrelas (poema) - Catalina Pagés  
O diário de Anne Frank - Anne Frank  
De muito procurar - Marina Colasanti  
O príncipe Dhat - Conto Suñ  
A menina e o pássaro encantado - Rubem Alves  
Cessa teu canto (poema) - Fernando Pessoa  
Ler, ler, ler (poema) - Unamuno  
Soneto XVIII - William Sheakespeare

## **O Instituto Fernand Braudel**

O Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial é um think tank e um do tank, fundado em 1987 com a missão de buscar formas de superar os problemas institucionais que inibem o desenvolvimento no Brasil. Sua atuação se dá por meio de pesquisas, seminários e ações sociais. Com nosso nome, homenageamos Fernand Braudel (1902-1985), grande historiador francês e um dos fundadores da Universidade de São Paulo; seu trabalho celebra o poder do mercado como força no desenvolvimento humano.

Realizamos pesquisas e debates públicos sobre gestão e políticas públicas, crises financeiras, comércio, energia e instituições democráticas. Desenvolvemos ações que contribuem para o avanço da sociedade em: educação, saúde, segurança pública, na formação de consensos sobre responsabilidade fiscal e estabilidade monetária e na focalização das prioridades nos investimentos em infraestrutura. Nossas pesquisas concentram-se na publicação do Braudel Papers, jornal de pesquisa e opinião editado em português, inglês e espanhol. A Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) generosamente se associa à nossa missão.

## **O Programa Círculos de Leitura**

Desde o ano 2000, o Programa Círculos de Leitura do Instituto Braudel, em parceria com as redes públicas onde atua, promove o desenvolvimento integral dos alunos através da leitura e da escrita com jovens do Ensino Fundamental II e Médio. A discussão de grandes obras da literatura brasileira e mundial, em grupo e em voz alta, estimula o desenvolvimento de diversas competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como empatia, cooperação, argumentação, comunicação e autoconhecimento, ampliando o repertório cultural dos jovens.

O Programa incentiva o protagonismo juvenil, pois são os jovens multiplicadores formados na metodologia dos Círculos de Leitura que conduzem os grupos em suas escolas. Estes alunos formam novos multiplicadores entre seus pares, assegurando a continuidade do Programa nas escolas.

A literatura e a escrita são nossa herança em comum. Esse livro é um convite para nos aproximarmos, estamos a sua espera.

Escreva para nós: *circulosdeleitura@braudel.org.br*

Site do  
Instituto Braudel



Instagram do  
Círculos de Leitura



Nosso Padlet





**INSTITUTO BRAUDEL**  
ASSOCIADO À FAAP

A think tank, and a do tank

Parceiros



Apoio Institucional



Instituto Vicky  
e Joseph Safra



Realização

Patrocínios



**VOTORANTIM**



**VULCABRAS**



StoneX™



**SPLICE**



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

Rua Ceará 2, São Paulo - SP CEP 01243-010

Tel.: 11 3824-9633 E-mail: [ifbe@braudel.org.br](mailto:ifbe@braudel.org.br)

Instagram: [@circulosdeleituraoficial](https://www.instagram.com/circulosdeleituraoficial)

<https://www.site.braudel.org.br/>